

CAMPUS FLORIANÓPOLIS
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

Marcio Cardoso Lisboa Junior

Rogo ao Buda Amida: O Budismo da escola Terra Pura como elemento influenciador na escrita da balada de guerra Heike Monogatari

Florianópolis

2022

Marcio Cardoso Lisboa Junior

Rogo ao Buda Amida: O Budismo da escola Terra Pura como elemento influenciador na escrita da balada de guerra Heike Monogatari

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.
Orientador: Prof. Dr. Alex Degan.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lisboa Jr., Marcio

Rogo ao Buda Amida : O Budismo da escola Terra Pura
como elemento influenciador na escrita da balada de guerra
Heike Monogatari / Marcio Lisboa Jr. ; orientador, Alex
Degan, 2022.

65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. Japão. 3. Budismo Terra Pura. 4. Heike
Monogatari. 5. Biwa Hoshi. I. Degan, Alex. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos onze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e dois, às treze horas, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Alex Degan, Orientador e Presidente, pelo Professor Kauê Metzger Otávio, Titular da Banca, e pelo Professor Fábio Augusto Morales Soares, Suplente, designados pela Portaria nº 02/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirmos o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Marcio Cardoso Lisboa Jr.**, subordinado ao título: **“Rogo ao Buda Amida: O Budismo da escola Terra Pura como elemento influenciador na escrita da balada de guerra Heike Monogatari”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Alex Degan, a nota final 9,0, do Professor Kauê Metzger Otávio, a nota final 9,0, e do Professor Fábio Augusto Morales Soares, a nota final 9,0; sendo aprovado com a nota final 9,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 18 de fevereiro de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 11 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Alex Degan



Documento assinado digitalmente
Alex Degan
Data: 11/02/2022 14:49:37-0300
CPF: 269.404.488-37
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Kauê Metzger Otávio



Documento assinado digitalmente
Kauê Otávio
Data: 11/02/2022 14:54:46-0300
CPF: 007.729.389-46
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Fábio Augusto Morales Soares



Documento assinado digitalmente
FABIO AUGUSTO MORALES SOARES
Data: 11/02/2022 17:24:26-0300
CPF: 311.305.688-81
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Candidato Marcio Cardoso Lisboa Jr.



Documento assinado digitalmente
Marcio Cardoso Lisboa Junior
Data: 11/02/2022 15:05:09-0300
CPF: 072.368.779-05
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Marcio Cardoso Lisboa Junior, matrícula n.º 17201108, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Rogo ao Buda Amida: O Budismo da escola Terra Pura como elemento influenciador na escrita da balada de guerra Heike Monogatari, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis 15 de fevereiro de 2022.



Documento assinado digitalmente

Alex Degan

Data: 16/02/2022 08:47:29-0300

CPF: 269.404.488-37

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador(a)

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, que me levaram às portas da Universidade, e aos amigos que me apresentaram à História Japonesa.

AGRADECIMENTOS

São muitos a agradecer aqui. Primeiro, àqueles a quem se referem na minha dedicatória, meus pais. Minha mãe, Jane, que me criou na qualidade de mãe solteira, e meu pai, Marcio, que bancou meus estudos durante os ensinamentos fundamental e médio. Também a um de meus tios, Jaime, e minha avó, Joana, que foram um segundo pai e uma segunda mãe para mim.

Não posso esquecer de meu professor de história da 5ª série, Gabriel, que foi o responsável por ter colocado em meu coração o interesse pelo estudo da História. Não posso deixar de citar aqui também diversos amigos que me ajudaram em meu interesse em estudar o Japão, como o Ederbal, o Anderson Marques, o Ari, o Juliano e o Lucas.

Impossível deixar de mencionar aqui o Núcleo de Estudos Japoneses da Universidade Federal de Santa Catarina, o Nejap, tanto na figura de seu presidente, o Kauê, como de diversos membros que o compuseram ao longo dos anos e ainda o compõem, como o Leopoldo, o Jonas, a Mari, a Midori, a Yumi, dentre outros. Sem a biblioteca do Núcleo, este trabalho seria impossível.

É impossível esquecer também a contribuição de minha professora de Japonês, Mayumi Sensei, sem a qual não conseguiria estudar a história do Japão tão bem quanto eu o faço. E, finalmente e não menos importante, o orientador que aceitou orientar este trabalho, Prof. Dr. Alex Degan, coordenador do curso de História da UFSC e o professor encarregado pelo Nejap, que teve a bravura de aceitar orientar um tema tão inusitado.

“Sob nenhuma circunstância deve ser dado ou até mesmo mostrado para qualquer um fora de minha linhagem. Que ninguém além de meus próprios discípulos o copiem, nem mesmo meus professores associados e os discípulos deles. Que qualquer um que viole estas injunções sofra a punição divina.” (KAKUICHI, autor do Kakuichi-bon, a versão do Heike Monogatari estudada neste trabalho, 1371)

RESUMO

O Heike Monogatari é uma das mais famosas baladas de guerra da história do Japão, que retrata um dos maiores conflitos da história daquele país, a Guerra Genpei. Se estudadas as origens de sua autoria a fundo, podemos observar um grande grau de proximidade com uma escola de Budismo que surge na mesma época desta guerra, a escola Terra Pura. Este trabalho se dedica a responder a seguinte pergunta: Esta proximidade com o Budismo Terra Pura se reflete na estrutura desta obra? Neste trabalho é analisado o Kakuichi-bon, uma das versões do Heike Monogatari, em busca da presença da influência do Terra Pura nas páginas do Heike.

Palavras-chave: Heike Monogatari. Terra Pura. Guerra Genpei.

ABSTRACT

The Heike Monogatari is one of the most famous war ballads in Japanese History, which portrays one of the largest conflicts in the History of that country, the Genpei War. If the origins of its authorship are deeply studied, it can be seen a great degree of proximity with a school of Buddhist thought that appears at the same time as this war, the Pure Land school. This work aims to answer the following question: Is this proximity with Pure Land Buddhism reflected in that work's structure? In this work is analyzed the Kakuichi-bon, one of the versions of the Heike Monogatari, in search of presence of Pure Land's influence in the Heike's pages.

Keywords: Heike Monogatari. Pure Land. Genpei War.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	OBJETIVOS	16
1.1.1	Objetivo Geral.....	16
1.1.2	Objetivos Específicos	16
1.2	JUSTIFICATIVA.....	17
1.3	METODOLOGIA.....	18
1.3.1	Do uso do Épico como Fonte Histórica Primária.....	19
1.3.1.1	<i>Definindo um Épico.....</i>	19
1.3.1.2	<i>O Épico como Fonte Primária.....</i>	20
1.4	NOÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O JAPÃO.....	21
1.4.1	A Geografia.....	21
1.4.2	A Periodização na História Japonesa.....	21
1.4.3	Idioma e Nomenclatura.....	23
2	DESENVOLVIMENTO.....	25
2.1	CAPÍTULO 1: O HEIKE MONOGATARI	25
2.1.1	A Guerra Genpei.....	25
2.1.1.1	<i>O Insei e os Taira.</i>	25
2.1.1.2	<i>A Ruína dos Taira.....</i>	27
2.1.2	O Heike Monogatari.....	29
2.2	CAPÍTULO 2: O BUDISMO TERRA PURA.....	32
2.2.1	A vida de Sidarta Gautama.....	32
2.2.2	Breves noções sobre o Budismo.....	33
2.2.3	As Escolas de pensamento do Budismo.....	36
2.2.4	Três escolas do Budismo Mahayana Chinês.....	37
2.2.4.1	<i>O Budismo Terra Pura Chinês.....</i>	37
2.2.4.2	<i>O Budismo Tientai.....</i>	39
2.2.4.3	<i>O Budismo Ch'an.....</i>	39
2.2.5	Uma breve história do Budismo no Japão até o século XIII.....	40
2.2.5.1	<i>O processo histórico de oficialização do Budismo como a Religião Oficial</i>	

	<i>Japonesa</i>	40
2.2.5.2	<i>Saichō: O fundador do Budismo Tendai</i>	42
2.2.5.3	<i>Hōnen: O fundador do Budismo Terra Pura Japonês</i>	43
2.2.6	As crenças que caracterizam o Budismo Terra Pura	45
2.2.6.1	<i>O Mappō</i>	45
2.2.6.2	<i>O Nenbutsu</i>	46
2.3	CAPÍTULO 3: O BUDISMO TERRA PURA COMO ELEMENTO INFLUENCIADOR DO HEIKE MONOGATARI	47
2.3.1	O Budismo Terra Pura nos versos do Heike Monogatari	47
2.3.2	Como a Escola Terra Pura foi parar nas páginas do Heike Monogatari?	57
2.3.2.1	<i>O Budismo Aristocrático do Período Heian</i>	57
2.3.2.2	<i>A escrita e reescrita do Heike Monogatari</i>	58
2.3.2.3	<i>A tradição Biwa Hōshi como elemento essencial para a difusão do Heike Monogatari</i>	59
3	CONCLUSÃO	60
	REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

No imaginário da cultura popular contemporânea, quando se pensa na história japonesa medieval, vem de forma célere à mente o conceito de shogunato. É assim que é comumente conhecido o órgão de governo bakufu, predominante no medievo japonês. Literalmente traduzido como “o governo da tenda” (“tenda” esta no sentido de acampamento militar), o bakufu se tratou do regime militar nas mãos da elite rural japonesa medieval, os samurai.

O modelo bakufu de governo, algo então inédito para os japoneses, teve sua origem em uma guerra civil ocorrida no final de Séc. XII, a Guerra Genpei, quando um clã de samurai, o clã Minamoto, dá início ao bakufu após alterar completamente as dinâmicas de poder que orbitavam o velho modo de governança da aristocracia urbana de Kyōto, derrubando a proeminência sobre a mesma seus rivais, o clã Taira.

Um evento histórico desta grandeza estava destinado a ser eternizado no imaginário popular japonês. Em algum ponto do séc. XIII (não é possível determinar uma data exata para a autoria da obra, dada a natureza da forma como foi escrita) foi alegadamente compilada por Yukinaga, filho de um funcionário da burocracia Taira, a maior balada de guerra da história do Japão, o Heike Monogatari, que retrata de forma romantizada os eventos da Guerra Genpei.

Balada esta que posteriormente sofreu influências da tradição da oralidade por parte dos *biwa hōshi*, monges budistas narradores e tocadores de alaúde, que pregavam sua religião na forma de canção por todo o Japão.

Quem escreve uma obra, porém, tende a colocar na mesma suas convicções, mesmo que de forma não intencional, e o Heike certamente não escapa a esta regra. Yukinaga tinha um irmão mais velho que era um fervoroso praticante de uma escola do budismo japonês conhecido como o Terra Pura, uma escola soteriológica que prega a impossibilidade de iluminação nesta vida e a existência de uma possibilidade de reencarnação em um mundo espiritual onde a mesma é possível.

Alguns *biwa hōshi*, possivelmente, também podem ter sido fiéis na mesma crença soteriológica. A proposta deste trabalho, sua problemática, é revelar de que forma a crença do irmão de Yukinaga e a possível crença destes *biwa hōshi* no Terra Pura influenciaram na composição da estrutura e da narrativa do Heike Monogatari.

1.1 OBJETIVOS

Como o esperado de um trabalho acadêmico, os Objetivos do mesmo se dividem em um Geral e seus Específicos derivados.

1.1.1 Objetivo Geral

Discutir o imaginário religioso e histórico dos escritores e narradores de épicos japoneses do séc. XIII, apontando os elementos característicos do budismo da escola Terra Pura que constam na balada de guerra Heike Monogatari.

1.1.2 Objetivos Específicos:

Os Objetivos Específicos do trabalho são três:

1.1.2.1. Descrever a Guerra Genpei, e contextualizar o contexto político do Japão do final do séc. XII que levou à mesma, e apresentar elementos básicos da obra estudada neste trabalho, o Heike Monogatari.

1.1.2.2. Conceituar Budismo, explicando conceitos fundamentais para a compreensão do mesmo, além de apresentar brevemente o estado do debate teológico budista no Japão do séc. XIII, o que inclui o budismo da escola Terra Pura, e explicar a noção de Nenbutsu, ou de “Rogar ao Buda Amida”.

1.1.2.3. Apontar os pontos mais expressivos da crença Terra Pura na obra Heike Monogatari, usando como referência a tradução de Royall Tyler da obra, e demonstrar como o Heike Monogatari se espalhou oralmente por todo o Japão, argumentando como tal tradição oral pode também ter tido influência na forma como a crença na Terra Pura se integrou à obra.

1.2 JUSTIFICATIVA

Estamos em uma época na qual creio que podemos falar, de forma segura, que o mito do “discurso neutro” foi finalmente dissipado. O público, pelo menos em sua maioria, está ciente, para bem ou para mal, dos vieses fatalmente inevitáveis constantes nos discursos dos mais diversos. Este trabalho consiste em uma tentativa de demonstrar que tal realidade não é circunscrita a uma única cultura ou única época, mas também se manifesta mesmo em um contexto cultural que em um primeiro momento seria algo muito distante de nós.

Não podemos nos esquecer, também, da própria multiculturalidade intrínseca ao tema de pesquisa. O mundo está cada vez mais “pequeno”, metaforicamente falando. Os avanços em tecnologias de comunicação nas últimas décadas influenciam, inevitavelmente, no tecido cultural da sociedade no que tange à influência e contato de nossa cultura com outras, mesmo as mais distantes. Em tal ambiente, torna-se inevitável e necessário o ativo estudo dos usos e costumes de outros povos, para real compreensão do outro para então ser possível interagir multiculturalmente, em um mundo que cada vez mais exige tal.

Um meio de abordagem inevitável neste esforço se trata do estudo da religiosidade do “outro povo”, sendo a expressão religiosa de um povo um elemento chave para unir determinada cultura de forma coesa em uma mesma cosmovisão. Tal imperativo se reforça quando colocamos na equação uma cultura que possua como expressão religiosa uma prática fora do que convencionamos como “Abraamismo”, as fés do Ocidente. Uma expressão religiosa de matriz alienígena às matrizes mais comumente presentes em nossa própria cultura exige um estudo cuidadoso, se quisermos ter algum sucesso com o esforço de compreensão do outro, como descrito acima.

Tal esforço, em tal direção, toma um imperativo que beira o escândalo como tomamos o Japão como matéria de pesquisa. O Brasil comporta a maior comunidade nipônica fora de sua pátria-mãe. Ainda assim, configura-se, na academia nacional, pelo menos no que concerne a História, a quase total ausência de estudos no que tange tal cultura, fato este que pode ser observado na sub-representação de estudos acadêmicos e centros de estudos relativos à mesma. Não há como haver um estudo ou estudos sérios da “cultura do outro” se nem sequer temos um mínimo de atenção acadêmica por uma minoria asiática tão volumosamente sobre representada em solo brasileiro.

Para todos os fins e motivos descritos acima, se farão uso do épico, ainda mais um épico amplamente conhecido como o Heike Monogatari, e de uma religião, no caso o Budismo de vertente Terra Pura, como alavancas para pesquisa.

Tais vias de pesquisa são preciosas em função de sua fartura e disponibilidade de fontes para uma pesquisa séria e pormenorizada. Isto se dá pelo épico ser em si próprio, uma fonte preservada e pelo fato da religião organizada, dada a forma como opera, fornecer “acidentalmente” ao historiador uma fartura de fontes relativas ao período histórico no qual a mesma está operando.

1.3 METODOLOGIA

O eixo temático da pesquisa, é, acertadamente, a questão da memória. Mais especificamente, a memória ressignificada sob a ótica de quem a conta. O Heike Monogatari pode perfeitamente ser considerado o que Le Goff chama, em seu História e Memória, de uma Memória Étnica: a memória oralizada, difundida ao longo do tempo para a comunidade, aquela que mantém a coesão do grupo através da reprodução de sua tradição.

Obviamente, já há muito tempo que o Heike foi compilado por escrito, por completo (ou, podemos pelo menos acreditar na completude das consideradas melhores compilações por escrito do Heike Monogatari), permitindo, então, que o mesmo seja estudado de forma mais cautelosa no sentido de uma possível intencionalidade, ou no mínimo parcialidade, de sua autoria.

A memória contida na obra oral, preservada na forma de balada como eixo temático aqui presente, permite o estudo e observação de como a memória se preserva em face de seu preservador (ou se seus preservadores), ou melhor dizendo, como a mesma sofre influência ou até mesmo é transformada/deformada, para mal ou para bem, de acordo com as convicções de quem a preserva ou a reproduz.

Como esta se trata de uma proposta de pesquisa que aborda uma releitura ficcionalizada de um período histórico de um povo sob a ótica da mesma cultura, uma possível forma de abordá-la, e que será a abordagem com a qual este trabalho se aproximará do tema, será a História Cultural, mais especificamente a História da Religião.

A fonte primária objeto da pesquisa se trata do Heike Monogatari, uma balada de guerra do Japão do século XIII originalmente transmitida de forma oral, que ao longo das

décadas sofreu acréscimos em seu texto para além do originalmente escrito por seu alegado autor, Yukinaga.

A cópia desta fonte em específico é a compilação feita pelo tradutor Royall Tyler que de acordo com o próprio tradutor, é a versão que contém mais texto, o Kakuichi-bon, uma versão para recitação do Heike Monogatari alegadamente escrita pelo músico Akashi no Kakuichi em 1371, versão esta que inclui os chamados “versos secretos”, do “Heike dos Iniciados”, de acesso exclusivo dos recitadores iniciados.

O trabalho será estruturado de forma a primeiro expor para o leitor os dois elementos que compõem a pesquisa, o Heike Monogatari e o Budismo Terra Pura, e então apontar as influências do segundo dentro do primeiro.

Como este trabalho aborda uma temática não usual no ambiente acadêmico brasileiro, a história medieval japonesa, intenciona-se dedicar um razoável volume de páginas para contextualizar o leitor e permitir uma melhor compreensão do tema em discussão.

Para que seja melhor realizada tal intenção, foi juntado um farto volume de fontes secundárias. São de origem estrangeira, dada a pouca disponibilidade de fontes sobre a história medieval japonesa de origem brasileira em função do baixo interesse nacional de estudar o tema.

1.3.1 Do uso do Épico como Fonte Histórica Primária.

Como apontado no início desta Introdução, este Trabalho faz uso de um Épico, o Heike Monogatari, como fonte primária. Quando ao uso do Épico como Fonte Primária de um Trabalho Acadêmico de História, algumas considerações devem ser feitas.

1.3.1.1 Definindo um Épico.

O que caracteriza uma obra como um Épico é a grandeza do escopo que sua narrativa abrange, ou seja, um Épico é definido por abranger grandes feitos de grandes Heróis, tão espetaculares que merecem serem registrados para as próximas gerações. Aqui o Heike Monogatari se encaixa perfeitamente, possuindo os heróis de suas páginas habilidades espetaculares e bênçãos sobrenaturais dos mais diversos Kami e Bodhisattvas.

A outra característica do Épico é o passado remoto. O Épico se apresenta para um determinado povo como seu mito fundacional, algo que aconteceu a muito tempo atrás e define o mundo como ele o é hoje.

O Heike Monogatari apresenta-se de uma forma peculiar. Sua narrativa não é de um passado remoto de forma alguma, sendo o mesmo escrito somente décadas depois dos eventos que o inspiraram ocorrerem. Mas em suas páginas estão presentes, em determinados momentos da narrativa, pequenos contos que, por sua vez, fazem alusão a momentos remotos, tanto da história japonesa, como da história da nação que o Japão compreendia como o grande exemplo do que um Império deve ser, a China.

O Heike Monogatari pode ser considerado então uma espécie de “Épico do agora”, eventos recentes, se considerarmos a época em que o mesmo foi escrito, que fazem alusão ou se apresentam como continuidade de grandes momentos de um passado remoto.

E, por último, o que define um Épico é a estrutura do mesmo, composto em forma de versos. Um Épico é um poema. O Heike Monogatari, pelo menos o Kakuichi-bon, a versão do Heike sendo estudada neste trabalho, não só tem uma estrutura poética, mas como a mesma permite que ele seja recitado em forma de canção, como a existência da tradição de recitadores de alaúde *biwa hōshi* demonstra.

1.3.1.2 O Épico como Fonte Primária.

Em um primeiro momento, a ideia de fazer uso de um tipo de narrativa que apresenta homens com a força de touros e deidades em plena comunicação com a humanidade tal qual é um Épico como uma Fonte Primária para o estudo de História parece um completo absurdo. No entanto, uma reflexão mais aprofundada desta noção e a mesma começa a se apresentar como uma via para o estudo da História completamente válida.

Um Épico se apresenta como fonte primária viável quando consideramos que o processo de escrita do mesmo é inserido na História e o próprio é produto de um momento do passado. É uma memória que guarda em seus versos as aspirações, ideais e ansiedades de seus escritores e replicadores. O Épico guarda em seus versos um passado perfeitamente acessível para quem o lê “a contrapelo”, como diriam os fundadores da Escola dos *Annales*.

O Heike Monogatari, neste sentido, tem a característica peculiar de “dobrar esta aposta”, no sentido de que em sua narrativa principal não se encontra um passado remoto, mas eventos ocorridos apenas algumas décadas antes do mesmo ser escrito.

Em seus versos está a Guerra Genpei, um evento da História Japonesa perfeitamente verificável e repleto de fontes primárias, tanto oficiais como testemunhais. Este “cenário de fundo” mundano do Épico é retratado com surpreendente acuidade histórica, dada a proposta Épica e fantástica de um Gunki Monogatari.

1.4 NOÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O JAPÃO

Sendo este um trabalho que aborda a História Japonesa, e levando-se em conta que a cultura na qual a mesma se encontra inserida, a japonesa, é drasticamente diferente daquela que está inserida este trabalho, a brasileira, algumas noções básicas sobre o Japão se fazem necessárias serem apresentadas.

1.4.1 A Geografia

O Japão tem seu território composto por um arquipélago que numera incríveis 6,852 ilhas. Destas, quatro são as principais, que compõem a maior parte da massa terrestre do país: Honshū, a maior de todas, central e com um formato de lua minguante, Kyūshū e Shikoku, as duas ilhas ao sul de Honshū e Hokkaidō, a ilha ao norte de Honshū. Importante destacar que durante os séculos XII e XIII, os abrangidos por este trabalho, o extremo norte de Honshū e Hokkaidō ainda não faziam parte do Império Japonês.

Honshū, por sua vez, pode ser dividida em regiões. A mais ao sul é Chūgoku, próxima das ilhas de Kyūshū e Shikoku, e é desta região que surge o clã Taira. No centro de Honshū, no “ponto de curvatura da lua”, está a região de Kinki, que no Medieval Japonês era conhecida como Kinai, e é onde fica a capital do Japão durante este mesmo período, Kyōto.

Mais ao norte, há uma grande área montanhosa, que constitui a parte mais “grossa” de Honshū, Chūbu. Ao norte de Chūbu está a planície de Kantō, região natal dos Minamoto e onde fica a atual capital do país, Tōkyō. E no extremo norte de Honshū está Tōhoku, que como mencionado anteriormente, não fazia parte do Japão na época abordada por este trabalho.

1.4.2 A Periodização na História Japonesa

É uma convenção historiográfica dividir a História de uma determinada região geográfica ou cultura sendo estudada em períodos. Isto ocorre, por exemplo, tanto com a chamada “História Universal” com sua periodização em Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea, como com a História do Brasil, com seu Período Colonial, Período Imperial e Período Republicano.

De tal forma, a História Japonesa também está dividida em períodos, que são o Jōmon, o Yayoi, o Kofun (ou Yamato), o Asuka, o Nara, o Heian, o Kamakura, o Muromachi, o Sengoku, o Edo, e a Contemporaneidade Japonesa.

O Jōmon é a Idade da Pedra do Japão, um período caracterizado pela descoberta e uso do arco e flecha para a caça e dos potes de argila para armazenamento do excedente de comida.

O Yayoi é o período quando imigrantes vindos da península coreana trazem o plantio de arroz e a metalurgia para o Japão. A partir daqui o arquipélago começa a desenvolver os chamados reinos do arroz.

O período Kofun é característico por duas coisas. A primeira delas são os grandes montes funerários em formato de buraco de fechadura conhecidos como Kofun. A segunda é a unificação de todo o Japão pelas mãos de um reino que surge em Kinai chamado Yamato, que também dá o segundo nome ao período.

O período Asuka é quando o Budismo torna-se Religião de Estado oficial do Japão. Este processo é descrito em maiores detalhes no Capítulo II do Desenvolvimento deste trabalho.

O período Nara é quando a capital do Império se consolida na cidade de Nara, e também quando o culto ao Imperador é inserido no seio do conjunto de crenças animistas nativas que compunham o que conhecemos como shintō.

O Heian, um dos dois períodos estudados neste trabalho, é quando a capital imperial é fixada em Heian-Kyō, também conhecida como Kyōto. É caracterizado como um período durante o qual uma família, os Fujiwara, governam os assuntos centrais do Japão. Portanto, acaba por ser um período no qual a aristocracia “oficial” japonesa acaba por ter muito tempo livre para se dedicar à arte. Por consequência disso, o período Heian é considerado a era de ouro da arte japonesa.

É no período Kamakura, também abrangido neste trabalho, que se inicia o medievo japonês. Trata-se de um período quando a elite rural do país, os samurai, criam um Estado paralelo à autoridade imperial e com poder factual parcial sobre o país, o Bakufu, ou regime da tenda, com capital na cidade de Kamakura. E neste período também que ocorrem as tentativas de conquista do Japão por parte de Kublai Khan.

Este processo de enfraquecimento da autoridade imperial de Kyōto e estabelecimento do Bakufu, e também a guerra que caracteriza este mesmo processo, a Guerra Genpei, será abordado com melhores detalhes no Capítulo I deste trabalho.

No período Muromachi o Bakufu muda, tanto de capital, sendo a mesma agora Kyōto, como de senhores, sendo não mais o clã Hōjō mas agora o clã Ashikaga a governar o Japão. Se trata de um período de grande centralização por parte do Bakufu, com poucos clãs com ligações próximas ao Bakufu governando grandes extensões de terra.

O período Sengoku é quando a autoridade do Bakufu e de seus clãs próximos colapsa e o Império entra em um período de guerra civil. É também quando navegadores portugueses chegam ao Japão, trazendo armas de fogo e o cristianismo.

O período Edo é caracterizado pelo Bakufu fundado pelo clã que saiu vitorioso nesta guerra civil, os Tokugawa, que estabeleceram sua capital na cidade de Edo. É também caracterizado pela política do Sakoku, quando todo o Japão teve suas fronteiras fechadas e o mesmo se isolou do mundo exterior.

A Contemporaneidade chega ao Japão em meados do séc. XIX, quando o país se reabre para os estrangeiros e se moderniza, derrubando o Bakufu e estabelecendo um Estado Imperial aos moldes europeus do período.

1.4.3 Idioma e Nomenclatura

Este trabalho aborda a história de um país que tem como idioma uma língua não relacionada com o Latim, que não utiliza um alfabeto como sistema de escrita e que nem sequer se escreve na mesma direção que as línguas de origem europeia. Logo, não é de se espantar que um trabalho deste escopo possa encontrar determinados obstáculos na utilização de nomenclatura do Japonês para o Português.

Primeiramente, quem ler este trabalho perceberá que diversas palavras no plural não apresentam um “s” em seu final, como seria o usual da norma culta da língua portuguesa. Isto acontece em função da forma como o plural funciona na língua japonesa. Por exemplo, o

plural de “o Kami” é “os Kami”, e não “os Kamis”, assim como o plural de “o samurai” é “os samurai” e não “os samurais”.

Decidiu-se fazer uso dos termos japoneses em sua versão “semi-original”, em rōmanji, ou seja, em sua versão japonesa escrita com o alfabeto. Isto faz com que várias palavras pareçam estar violando a norma culta da língua portuguesa, mas as mesmas apresentam gramática e ortografia corretas no idioma de origem.

Por exemplo, a guerra que é abordada no Heike Monogatari, a Guerra Genpei, deveria se chamar “Gempei” de acordo com a norma culta da língua. Porém, como na língua japonesa não existe qualquer consoante muda além da letra n, o correto acaba sendo “Genpei”, mesmo que soe ou pareça soar incorreto para o leitor lusófono.

Outro elemento que com grande probabilidade chamará a atenção do leitor é a presença de um acento inexistente na língua portuguesa, o macron, um traço acima da letra o, formando um ō. Este acento é como o rōmanji caracteriza a prolongação de pronúncia da vogal, um fenômeno fonético existente no Japonês.

Outra consideração a ser feita é a forma como os japoneses tratam os sobrenomes. No Japão, o sobrenome é posicionado anteriormente ao nome, de forma contrária como se faz no Brasil. Por exemplo, Nobunaga, da família Oda, tem como nome completo Oda Nobunaga, e não “Nobunaga Oda”.

Nos períodos históricos abordados neste trabalho, havia também o costume de se colocar a partícula genitiva “no” entre o sobrenome e o nome. Por exemplo, durante o período Heian, Yoritomo, da família Minamoto, não seria chamado de “Minamoto Yoritomo”, mas de Minamoto no Yoritomo.

E, finalmente, não se pode deixar de apontar que há uma exceção gritante à regra de sempre tentar escrever os nomes japoneses em seu original em rōmanji: a escola de budismo abordada neste trabalho é referida em sua versão traduzida, Terra Pura, e não em seu original japonês, Jōdo-shū.

Isto se dá em função da tradição historiográfica em língua inglesa que aborda a História Japonesa. Tradicionalmente, os estudos desta expressão religiosa feitos fora do Japão tem como costume traduzir o nome da escola, de Jōdo-shū para “Pure Land”. Este trabalho segue esta mesma tradição historiográfica e traduz o termo para “Terra Pura”.

2 DESENVOLVIMENTO

O Desenvolvimento deste trabalho se divide em dois capítulos que abordam os dois elementos do estudo cada, o Heike Monogatari e o Budismo Terra Pura, e um terceiro onde então se realiza o estudo que o trabalho se propõe a fazer.

2.1 CAPÍTULO 1: O HEIKE MONOGATARI

Para entendermos a obra literária em estudo neste trabalho, primeiro precisamos entender o contexto histórico que a mesma procura representar, a Guerra Genpei. Após a devida contextualização, será feita uma breve análise dos elementos constituintes da obra em sí.

2.1.1 A Guerra Genpei.

A Guerra Genpei foi o conflito bélico entre duas famílias aristocráticas do Japão antigo tardio, os Minamoto e os Taira, de 1180¹ até 1185². Para entendermos em que contexto tal conflito ocorreu, primeiro deve ser analisado em que estado estavam as relações políticas no Japão do período Heian tardio.

2.1.1.1 O Insei e os Taira.

O período Heian, que teve duração de 794 a 1185³, é considerado como a era de ouro da alta cultura aristocrática do Japão⁴. O nome de tal período vem do nome da capital do Japão durante o mesmo, Heian-kyō, também conhecida como Kyōto⁵. Nosso esforço de contextualização deve se iniciar na segunda metade deste período.

¹ RIZŌ, Takeuchi. The Rise of the Warriors. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 700.

² Idem. p. 707.

³ SHIVELY, Donald H. Preface to Volume 2. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. xv.

⁴ Idem.

⁵ SHIVELY, Donald H.; MCCULLOUGH, William H. Introduction. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 1.

A corte imperial japonesa era então hegemonicamente dominada por uma família de aristocratas, os Fujiwara⁶. Em outras palavras, a própria casa imperial japonesa era de soberanos “de fachada”, com uma outra família governando de fato através de títulos burocráticos da corte imperial.

Tal *status quo* seguiu até 1086, quando o imperador Shirakawa nomeou como príncipe-herdeiro o filho que teve com uma de suas concubinas, evitando assim a influência materna Fujiwara, e se retirou da posição de imperador, iniciando a vida enclausurada de um monge budista⁷.

Uma vez retirado, Shirakawa fundou então o In-no-chō, um órgão burocrático de administração privativo paralelo que respondia ao imperador retirado e “ignorava” a burocracia imperial oficial dominada pelos Fujiwara⁸, permitindo ao “imperador-monge” governar diretamente seu império. Nascia aqui o Insei, ou, o “governo enclausurado”⁹.

Mas como Shirakawa conseguiu tal feito sem que ocorresse em resposta uma enérgica reação Fujiwara? Ele teve a ajuda dos bushidan¹⁰. Longe do poder e “glamour” de Kyōto, nas províncias, a nobreza rural começou a se organizar de forma a manter uma força de combate permanente: os bushidan¹¹. A proximidade entre os imperadores retirados e os bushidan era tamanha que os segundos chegaram a literalmente tornarem-se o exército privado dos primeiros¹².

Duas famílias de bushidan viriam a se destacar de forma impactante durante o Heian tardio: Os Minamoto, ou os Genji, na pronuncia sino-japonesa dos ideogramas de seu nome¹³, e os Taira, ou os Heishi, também quando seus ideogramas são pronunciados de forma sinificada¹⁴ (Outra pronuncia sinificada comum dos ideogramas dos Taira é a pronuncia Heike¹⁵).

E assim a política de corte de Kyoto se manteve até 1156, quando o imperador Go-Shirakawa e os Fujiwara deram um “golpe de estado” e tomaram o Insei para si, então

⁶ SOUYRI, Pierre François. The World Upside Down: Medieval Japanese Society. Nova York: Columbia University Press, 2001. p. 17.

⁷ Idem. p.25.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem. p. 20.

¹² Idem. p. 25.

¹³ RIZŌ, Takeuchi. The Rise of the Warriors. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 650.

¹⁴ Idem. p. 652.

¹⁵ TYLER, Royall (tradutor). Heike Monogatari. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 15.

chefiado pelo ex-imperador Sutoku, contando para tal com a ajuda dos Minamoto e dos Taira¹⁶, no que foi conhecido como o distúrbio Hōgen¹⁷.

Os louros da vitória duraram pouco, e Go-Shirakawa viria a se desentender com os Fujiwara. Um conflito estourou entre as duas facções, com os Taira apoiando o agora imperador- retirado e com os Minamoto apoiando os Fujiwara¹⁸. A facção de Go-Shirakawa veio a vencer, tendo sido então as lideranças dos Fujiwara e dos Minamoto exiladas da capital, no que então viria a ser conhecido como o distúrbio Heiji¹⁹.

A vitória traria alto custo para Go-Shirakawa. O patriarca do bushidan Taira, Taira no Kiyomori, viria a tomar tanto o controle do mecanismo de governança do In-no-chō, como a obter o antigo título de governança Fujiwara, o título de daijō-daijin, ou primeiro ministro²⁰. Além disso, o filho de Go-Shirakawa e imperador propriamente dito, Takakura, teve seu casamento arranjado com Tokuko, filha de Kiyomori²¹. Os Taira agora exerciam total controle sobre o governo japonês.

Em outras palavras, a família imperial japonesa havia, após os distúrbios de Hōgen e Heiji, regressado às condições de total falta de governança pré 1086: Um clã aristocrático que não era a própria família imperial exercia o governo de fato do país enquanto os mesmos eram apenas soberanos simbólicos, e setenta anos de manobras políticas, do “ponto de vista” do clã imperial, não teve mais efeito do que mudar os estandartes que flamulavam em Kyōto, do brasão dos Fujiwara para o brasão Taira.

2.1.1.2 A Ruína dos Taira.

A oportunidade que a família imperial esperava para recuperar sua hegemonia, ou pelo menos parte dela, viria a se manifestar em 1180, quando o príncipe imperial Mochihito, co-conspirando com os templos budistas Onjōji, Enryakuji e Kōfukuji, denuncia a tirania dos Taira e conclama um chamado às armas para todos os guerreiros do Japão contra os mesmos²².

¹⁶ SOUYRI, Pierre François. *The World Upside Down: Medieval Japanese Society*. Nova York: Columbia University Press, 2001. p.27.

¹⁷ Idem.

¹⁸ SOUYRI, Pierre François. *The World Upside Down: Medieval Japanese Society*. Nova York: Columbia University Press, 2001. p. 28.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem. p.28.

²¹ Idem.

²² RIZŌ, Takeuchi. *The Rise of the Warriors*. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.).

Esta insurgência em um primeiro momento falha, sendo Mochihito morto em batalha enquanto fugia para a segurança do Onjōji²³. Mas seu clamor teve um efeito estrondoso, na forma de Minamoto no Yoritomo, um dos sobreviventes exilados do distúrbio Heiji, que ergueu a aristocracia rural da região de Kantō (no leste do Japão) em rebelião aberta contra o regime Taira²⁴.

Pelos próximos cinco anos o Japão vivenciou uma série de vitórias decisivas por parte da facção de Yoritomo sobre a facção de Kiyomori, tendo ele próprio vindo a falecer em 1181, deixando os Taira sem uma liderança forte²⁵. O conflito teve seu desfecho derradeiro e climático com a batalha naval de Dannoura, em 1185, no litoral de Kyūshū (das quatro grandes ilhas do arquipélago Japonês, a que se situa mais ao sul), quando o que restava das forças Taira em fuga foi interceptada pela marinha Minamoto e completamente aniquilada.²⁶ Nesta mesma batalha o imperador menino de origem Taira, Antoku, sido levado à sua morte nos braços de sua avó²⁷ e levado consigo para o fundo do mar as três relíquias da regalia imperial japonesa²⁸.

Com o desfecho da guerra, Go-Shirakawa conseguiu aproximadamente o que queria: Recuperou a supremacia da família imperial em Kyōto, porém sem autoridade plena em todo o seu Império, tendo que o dividir com o agora senhor de Kamakura, Yoritomo, e seu “reino” de guerreiros rurais de Kantō²⁹, no que viria a ser conhecido como política Kōbu³⁰.

Como legitimação de tais poderes concedidos pelo imperador retirado para Yoritomo, o mesmo pouco posteriormente recebeu o antigo título de seii taishōgun³¹, que literalmente significa “o grande general conquistador de bárbaros”³², comumente conhecido como shōgun. Assim nascia o primeiro Bakufu, modelo de governo comumente conhecido como

Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 698.

²³ RIZŌ, Takeuchi. The Rise of the Warriors. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 698.

²⁴ SOUYRI, Pierre François. The World Upside Down: Medieval Japanese Society. Nova York: Columbia University Press, 2001. p.30.

²⁵ SOUYRI, Pierre François. The World Upside Down: Medieval Japanese Society. Nova York: Columbia University Press, 2001. p.31.

²⁶ RIZŌ, Takeuchi. The Rise of the Warriors. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 707.

²⁷ Idem.

²⁸ SOUYRI, Pierre François. The World Upside Down: Medieval Japanese Society. Nova York: Columbia University Press, 2001. p.32.

²⁹ HURST III, G. Cameron. The Kōbu Policy: Court-Bakufu Relations in Kamakura Japan. In: MASS, Jeffrey P. (Ed.). Court and Bakufu: Essays in Kamakura History. Stanford: Stanford University Press, 1982. p. 7-9.

³⁰ Idem.

³¹ RIZŌ, Takeuchi. The Rise of the Warriors. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 709.

³² SOUYRI, Pierre François. The World Upside Down: Medieval Japanese Society. Nova York: Columbia University Press, 2001. p.46.

“shogunato”, marcando o fim do período Heian da história japonesa e o início do próximo, o período Kamakura³³.

2.1.2 O Heike Monogatari.

O Heike Monogatari faz parte de uma tradição literária japonesa medieval conhecida como os gunki monogatari, ou baladas de guerra³⁴. As primeiras instâncias desta forma de literatura datam do século X, e visavam enaltecer a então ascendente classe samurai³⁵. Estes primeiros contos eram escritos em língua chinesa, sendo assim muito diferentes do Heike³⁶.

A partir do início do medievo nipônico, também conhecido como o período Kamakura, citado anteriormente, porém, alguns dos gunki monogatari passaram a apresentar dois novos elementos: a escrita em língua japonesa e sua aplicação na pregação budista³⁷.

Seu nome significa literalmente “O Conto dos Taira” ou “O Conto dos Heike”³⁸. A única referência à uma possível autoria singular do Heike Monogatari é feita por Yoshida Kenkō, em seu Tsurezuregusa, ou “Tratados do Ócio”, escrito aproximadamente em 1331³⁹, em seu capítulo 226⁴⁰:

Este noviço Yukinaga criou *O Conto dos Heike*, que ele ensinou ao recitador cego Shōbutsu. É por isto que aquele trabalho trata em grandes detalhes do Enryakuji. Yoshitsune, o Tenente Kurō, tem um proeminente destaque devido ao conhecimento extenso de Yukinaga sobre ele; a atenção pobre para Noriyori, ou Kaba no Kanja, se dá provavelmente porque Yukinaga sabia pouco sobre ele. Sendo do Leste, Shōbutsu obteve informações sobre os guerreiros e assuntos marciais dos militares dali, e transmitiu este conhecimento à Yukinaga, que então o inseriu no *Conto*. Recitadores de *biwa* do *Conto* nos dias de hoje ainda imitam a pronúncia nativa de Shōbutsu. (tradução nossa)⁴¹

³³ SOUYRI, Pierre François. *The World Upside Down: Medieval Japanese Society*. Nova York: Columbia University Press, 2001. p. xx.

³⁴ VARLEY, H. Paul. *Cultural Life in Medieval Japan*. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). *Cambridge History of Japan*. Vol. 3. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 449.

³⁵ Idem. p. 450.

³⁶ Idem.

³⁷ VARLEY, H. Paul. *Cultural Life in Medieval Japan*. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). *Cambridge History of Japan*. Vol. 3. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 450.

³⁸ Idem. p. 449.

³⁹ MCKINNEY, Meredith (trad.). *Essays in Idleness and Hojoki*. Londres: Penguin Group, 2013. p. 14.

⁴⁰ Idem. p. 82.

⁴¹ This novice Yukinaga created *The Tale of the Heike*, which he taught to the blind reciter Shōbutsu. This is why that work goes into particular detail about Enryakuji. Yoshitsune, the Kurō Lieutenant, plays a prominent role owing to Yukinaga’s detailed knowledge of him; the sketchy treatment of Noriyori, or Kaba no Kanja, is

Esta afirmação de Kenkō é discutível, porém. Voltaremos à uma discussão em detalhes sobre a autoria de Heike Monogatari, e as possíveis motivações por trás de sua autoria, no Capítulo 3 deste trabalho.

A obra conta a história descrita acima, a Guerra Genpei, sob a ótica de seu lado perdedor, os Taira⁴². Ela se trata de uma releitura dos eventos históricos relativos à guerra sob uma ótica heroica e com a presença de elementos sobrenaturais, como, por exemplo, a posse por parte de Taira no Kiyomori de uma arma mágica⁴³:

Lorde Kiyomori prendeu muitos homens,
mas para ele, em suas considerações, não o bastante;
pois neste momento, em uma armadura lamelar preta e um
peitoral incrustado de prata sobre um brocado vermelho,
apertando sob seu braço a lança com uma haste banhada em
prata
que a Divindade de Itsukushima deu para ele há muito
tempo em um sonho sagrado
quando ele por lá peregrinou enquanto governador de Aki -
a lança que ele mantinha todas as noites ao lado de seu
travesseiro -
ele avançou sobre a galeria do portão central com uma
expressão no rosto parecendo um trovão. (tradução
nossa)⁴⁴.

De forma similar, quando as “fortunas da História” não estavam mais ao lado dos Taira, da mesma forma a lança também desaparece sem deixar vestígios⁴⁵.

Masayori se apressou para chamar Lorde Kiyomori
“Não há absolutamente nenhuma verdade neste rumor,” ele
declarou,
então o assunto parou por aqui. De forma bastante estranha,
porém,
quando Kiyomori ainda era governador de Aki
ele partiu para uma peregrinação para Itsukushima, e lá, em
um sonho sagrado

probably because Yukinaga knew little about him. Being from the East, Shōbutsu gained information about warriors and martial matters from military men there, and passed on his knowledge to Yukinaga, who wrote it into the *Tale*. Present-day *biwa* reciters of the *Tale* still imitate Shōbutsu’s native pronunciation. (versão da fonte)

⁴² VARLEY, H. Paul. Cultural Life in Medieval Japan. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 3. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 449.

⁴³ TYLER, Royall (tradutor). Heike Monogatari. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 126.

⁴⁴ Lord Kiyomori had arrested a great many men, / but perhaps, in his estimation, not yet enough; /for now, in black-laced armor and silver-inlaid breastplate over red brocade, / clasping under his arm the lance with a silver-wound shaft / that the Itsukushima Deity gave him long ago in a sacred dream / when he went on pilgrimage there as the governor of Aki— / the lance that he kept every night by his pillow— / he strode to the gallery of the middle gate with a face like thunder. (original da fonte)

⁴⁵ TYLER, Royall (tradutor). Heike Monogatari. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 281-283.

a divindade conferiu a ele uma lança perfeitamente real, com um cabo banhado em prata, que Kiyomori manteve para sempre ao seu travesseiro desde então e uma noite esta lança de repente desapareceu. (tradução nossa)⁴⁶

A obra se divide em doze livros⁴⁷, além de um “Heike dos Iniciados”⁴⁸. O livro um trata da ascensão dos Taira ao poder, de seus excessos no mesmo, e dos primeiros choques com as autoridades budistas⁴⁹. O livro dois consiste na enérgica resposta Taira à rebelião monástica⁵⁰. No livro três se encontra o nascimento de Antoku e os movimentos finais de consolidação do poder por parte dos Taira⁵¹.

No livro quatro vemos o estopim da Guerra Genpei, a rebelião do príncipe Mochihito⁵². No livro cinco, Yoritomo responde ao chamado de armas de Mochihito e o grande Buda de Nara é destruído pelos Taira enquanto reprimiam mais um levante monástico⁵³. No sexto livro está a morte de Kiyomori, e a sorte dos Taira começa a ruir⁵⁴.

O livro sétimo descreve várias batalhas vencidas pelo Minamoto, a fuga dos Taira de Kyōto, e a tomada da mesma pelo ramo Kiso do clã Minamoto⁵⁵. O livro oito consiste principalmente de narrativas de guerra⁵⁶. No livro nono eclode um conflito interno entre os Minamoto, com vitória do lado de Yoritomo, e os Taira são afugentados da principal ilha japonesa, Honshū⁵⁷.

O livro dez mostra o triunfo de Go-Shirakawa e o mesmo re-estabelecendo seu reinado⁵⁸. No livro onze está a campanha naval final na Guerra Genpei, que culmina na

⁴⁶ Masayori hastened to call on Lord Kiyomori. / “There is absolutely no truth to this rumor,” he declared, / so the matter went no further. Strangely enough, however, / back when Kiyomori was still governor of Aki, / he went on pilgrimage to Itsukushima, and there, in a sacred dream, / the divinity conferred upon him a perfectly real lance, / with a silver-wound handle, that Kiyomori kept by his pillow forever after, / and one night this lance suddenly disappeared. (original da fonte)

⁴⁷ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 8-12.

⁴⁸ Idem. p. 13.

⁴⁹ Idem. p. 48-101.

⁵⁰ Idem. p. 102-163.

⁵¹ Idem. p. 164-218.

⁵² Idem. p. 219-271.

⁵³ Idem. p. 272-322.

⁵⁴ Idem. p. 323-361.

⁵⁵ Idem. p. 362-409.

⁵⁶ Idem. p. 410-447.

⁵⁷ Idem. p. 449-505.

⁵⁸ Idem. p. 506-558.

batalha de Dannoura⁵⁹. E no livro doze, Minamoto no Yoritomo então consolida seu poder, se livrando das pontas soltas⁶⁰.

A versão do Heike Monogatari que carrega em suas páginas o Livro dos Iniciados, conhecido como Kakuichi-bon, e a analisada neste trabalho, é de autoria de Akashi no Kakuichi, um grande recitador cego⁶¹. Ele mostra a mãe do imperador-menino Antoku, Kenreimon-in, se tornando uma monja budista e ascendendo, no momento de sua morte, à Terra Pura⁶².

O Heike dos Iniciados era um capítulo secreto e especial que Kakuichi ensinava e era apresentado somente pelos recitadores mais habilidosos de sua guilda⁶³. Mas, como exposto anteriormente, tais questões de autoria serão vistas com a devida dedicação no Capítulo 3.

Mas, de todas as influências sobrenaturais que pairam esta releitura narrativa dos eventos da Guerra Genpei que é o Heike Monogatari, o Budismo Terra Pura é uma das que mais se destaca, como poderemos ver no Capítulo 3. Esta manifestação religiosa, porém, exige seu próprio capítulo para ser explicada. É isto que veremos no Capítulo 2.

2.2 CAPÍTULO 2: O BUDISMO TERRA PURA.

Para entendermos a corrente budista sendo estudada neste trabalho, o Terra Pura, temos que primeiro entender a origem da religião budista como um todo. Para isso, temos que retornar ao Nepal do séc. V antes de Cristo.

2.2.1 A vida de Sidarta Gautama.

A religião Budista foi fundada pelo príncipe nepalês Sidarta Gautama. Ele tem seu nascimento estimado por volta de 563 antes de Cristo, na floresta de Lumbini, no então reino Sakya, no sul do atual Nepal⁶⁴. De acordo com a narrativa mitológica de sua vida, sua mãe, Maya, o pariu de seu flanco direito, o que a fez, como seria esperado, morrer após o parto⁶⁵.

⁵⁹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 559-621.

⁶⁰ Idem. p. 622-656.

⁶¹ Idem. p. 15.

⁶² Idem. p. 657-678.

⁶³ Idem. p. 16.

⁶⁴ BUDDHA (SIDDHARTHA GAUTHAMA) (536-483 B.C.E.) THE HISTORICAL BUDDHA. In: IRONS, Edward. *Encyclopedia of Buddhism*. Nova York: Facts on File, 2008. p. 58.

⁶⁵ Idem.

Ele então foi criado por sua tia, Mahaprajapati, esposa de seu pai, o rei de Sakya, Suddhodana⁶⁶. Quando Gautama era ainda muito novo, um peregrino ascético revelou uma profecia sobre o garoto: ele se tornaria um grande rei ou um grande líder espiritual⁶⁷.

Sendo o rapaz um ksatriya, ou seja, membro da casta dos guerreiros e nobres do antigo sistema de castas indiano, assim como seu pai, Suddhodana, o mesmo logo soube qual das duas “opções” da profecia escolheria para o jovem⁶⁸. Por isso, Sidarta passou os primeiros vinte e nove anos de sua vida sendo criado no palácio real de Kapilavastu, capital de Sakya⁶⁹. Lá ele se casou com a linda Yasodara⁷⁰.

Para garantir que seu garoto virasse um grande rei, Suddhodana cercou seu filho de todos os prazeres que a boa vida de um príncipe poderia lhe oferecer, e o proibia de sair de seu palácio⁷¹. Mas Sidarta queria muito conhecer o mundo exterior, até que, aos vinte e nove anos de idade, conseguiu convencer Channa, o carroceiro do palácio, a lhe levar para uma volta pelas ruas de Kapilavastu⁷².

Toda a miséria e dor que o jovem príncipe viu nas ruas o horrorizou. Ao encontrar um homem velho, um homem doente e o homem morto, e descobrir que o mundo não era o que seu pai o fez pensar que era, ele sabia que tinha que fazer alguma coisa quando a isso⁷³.

Na mesma noite que seu filho, Rahula, nasceu, Sidarta então partiu às escondidas do palácio para entender a questão do sofrimento humano mais a fundo⁷⁴. Passou então a viver entre ascetas, e se tornou um deles, praticando privações físicas extremas para se livrar das influências carnis⁷⁵. Mas, não conseguindo resultados significativos neste meio, desistiu do ascetismo e parte para buscar a verdade por conta própria⁷⁶.

Ao meditar por 40 dias ininterruptos em uma floresta, Sidarta finalmente atinge a iluminação, tornando-se então o Buda, ou o Iluminado⁷⁷. Mas afinal de contas, que mistérios ele descobriu nesta meditação? Veremos isto agora.

⁶⁶ BUDDHA (SIDDHARTHA GAUTHAMA) (536-483 B.C.E.) THE HISTORICAL BUDDHA. In: IRONS, Edward. *Encyclopedia of Buddhism*. Nova York: Facts on File, 2008. p. 59.

⁶⁷ Idem. p. 58.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem. p. 59.

⁷² Idem.

⁷³ Idem p. 61.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem.

2.2.2 Breves noções sobre o Budismo.

A noção que dá início a todo o complexo de noções budistas é uma das mais fundamentais existentes na mentalidade teológica indiana: o conceito de Samsara. Samsara, que literalmente significa “jornada”, é o ciclo eterno do nascimento, envelhecimento, morte e renascimento⁷⁸.

Em outras palavras, o budismo é uma religião que prega a existência da reencarnação após a morte. E por ser um ciclo eterno, evidentemente, para os budistas não existem conceitos como uma criação do universo ou de um “fim dos tempos”.

Este processo de reencarnação se dá dentro de um complexo de existências conhecido como A Roda da Vida, ou Bhavacakra⁷⁹. Em cada vida ao longo do Samsara, uma pessoa pode reencarnar em uma existência ou reino espiritual distinto, como uma vida humana, um animal, no paraíso, no inferno, etc⁸⁰. Como perceptível pelos exemplos, algumas reencarnações são claramente melhores que outras.

O que define não somente para qual mundo ocorre cada reencarnação de alguém, mas também cada resultado das ações dos seres, é outro conceito clássico do pensamento religioso indiano: o Karma⁸¹. Literalmente significa “feito” ou “ação”, o Karma é como se fosse uma espécie de “justiça retributiva” da existência, que reflete cada efeito das ações dos seres nesta e em outras vidas, podendo-se acumular bom Karma resultado de boas ações, com efeitos positivos posteriores, ou mal Karma resultado de más ações, com efeitos negativos posteriores⁸².

Dentro deste ciclo eterno, o Buda reconheceu três elementos que caracterizam a realidade: Anitya, Anatman e Dukka⁸³. Anitya, ou Impermanência, significa que, por consequência de existirmos em um eterno ciclo de reencarnação, o universo está sempre em constante fluxo, tudo muda, e nada é permanente⁸⁴.

O segundo elemento é o Anatman, ou a ausência de essência⁸⁵. Para Buda, a impermanência também se aplica aos próprios entes, ou seres, em outras palavras, não existe

⁷⁸ SAMSARA. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 420.

⁷⁹ BHAVACAKRA. In: OXFORD Reference. Disponível em <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095503747>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

⁸⁰ WHEEL OF LIFE. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 558.

⁸¹ KARMA. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 276-277.

⁸² Idem.

⁸³ THREE FLAWS. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 504.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

um “ser” no budismo, e somos todos agregados de características em constante impermanência⁸⁶.

O terceiro elemento da realidade, e para os budistas possivelmente o mais importante deles, é a noção de Dukkha⁸⁷. Essa palavra costuma ser traduzida como sofrimento, mas também pode significar “desconforto” ou “imperfeição”⁸⁸. Sidarta decidiu tornar-se Buda justamente quando percebeu a Dukkha no mundo, pois como ele percebeu, a vida é repleta de sofrimento e impermanência.

O que por sua vez nos leva à conclusão que Buda tirou da consideração dos três elementos compositores da realidade: as Quatro Nobres Verdades. A primeira nobre verdade é também um dos três elementos da realidade: A de que toda a vida é Dukkha⁸⁹. Sendo assim, o Samsara não é apenas uma condição, mas uma prisão eterna. A segunda nobre verdade é a fonte de toda a Dukkha é o desejo, ou Tanha⁹⁰. Para Buda, sofremos porque somos inquietos e sempre desejamos.

Desta realidade, o Buda então concluiu a terceira nobre verdade: Deve-se obter a Nirodha através do Nirvana⁹¹. Nirodha é a cessação de toda a Dukkha, que pode ser atingida ao se atingir o estado de cessação de todo o desejo, ou Nirvana, que literalmente significa o “apagar da chama”⁹². Quando Sidarta atingiu a iluminação e tornou-se Buda, foi este estado de Nirvana que ele atingiu.

Mas afinal de contas: como atingir o estado de Nirvana? Aqui entra a quarta nobre verdade: Existe um caminho do meio, ou Magga, longe dos extremos, para se poder atingir a cessação de todo o sofrimento⁹³. Este caminho é Óctuplo, composto, como sugere seu nome, de oito elementos: Visão Correta, deve-se entender a natureza das coisas, principalmente quanto aos elementos da doutrina budista; Intenção Correta, evitar pensamentos de desejo ou ódio; Fala Correta, não se deve mentir ou falar de forma agressiva; Ação Correta, não se deve matar, roubar ou ter má conduta sexual; Sustento Correto, não se deve viver de ofícios que causam sofrimento humano ou animal; Esforço Correto, não se deve ter estados mentais

⁸⁶ THREE FLAWS. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ DUKKHA. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 168.

⁸⁹ FOUR NOBLE TRUTHS. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 206.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ NIRODHA. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 369-370.

⁹² Idem.

⁹³ MARGA (MAGGA). In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 332-333.

negativos; Mentalidade Correta, estar ciente do que constitui a consciência; e Foco Correto, auto foco, o que pode significar a prática da meditação⁹⁴.

Para que possa praticar estes ensinamentos, budista se refugia nas Três Joias, ou Triratna⁹⁵. Elas são o próprio Buda, o Dharma, ou, os ensinamentos budistas e a Sangha, ou, a coletividade de fiéis budistas que ensinam o Dharma⁹⁶. No budismo se diz que quando o Buda encontrou seus primeiros aprendizes depois de atingir o Nirvana e começou a pregar o Dharma para os mesmos ele realizou o primeiro movimento que iniciou a rotação da roda do Dharma⁹⁷.

Esta primeira congregação budista original tinha como templo o Jetavana, ou Clareira de Jeta, o primeiro templo budista da história, fruto da doação de Anathapindika, um aprendiz de Buda que era um riquíssimo mercante⁹⁸.

2.2.3 As Escolas de pensamento do Budismo.

Não demorariam muitos séculos até que a Sangha começasse a se dividir em mais de uma escola, e assim o fez, se dividindo em dois grandes movimentos. A escola mais antiga ainda em atividade hoje é a Theravada, a praticada predominantemente no sudeste asiático, em países como o Sri Lanka, Myanmar, e a Tailândia⁹⁹.

A única escola original do budismo sobrevivente hoje, o “Caminho dos Anciãos”, como também é conhecida, tem como características o ideal do Arhat e a Vida Monástica¹⁰⁰. O Arhat é alguém que atinge o Nirvana sem se tornar um Buda, e o ideal de Vida Monástica reside no fato que, para o Budismo Theravada, somente um monge pode atingir o Nirvana, podendo um leigo apenas acumular bom karma para poder reencarnar de uma forma que possibilite a cessação¹⁰¹.

⁹⁴ LOPEZ, Donald S. Eightfold path. In: BRITANNICA. Disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Eightfold-Path>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

⁹⁵ THREE TREASURES (TRIRATNA, “THREE JEWELS”; CHINESE SANBAO, JAPANESE SAMBO). In: IRONS, Edward. *Encyclopedia of Buddhism*. Nova York: Facts on File, 2008. p. 507.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ O'BRIEN, Barbara. Three turnings of the dharma wheel. In: LEARN Religions. Disponível em <<https://www.learnreligions.com/three-turnings-of-the-dharma-wheel-450003>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

⁹⁸ JETA'S grove. In: TIBETAN Buddhist Encyclopedia. Disponível em <http://tibetanbuddhistencyclopedia.com/en/index.php/Jeta's_Grove>. Acesso em: 06 jul. 2021.

⁹⁹ AUGUSTYN, Adam et al. Theravada. In: BRITANNICA. Disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Theravada>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

¹⁰⁰ AUGUSTYN, Adam et al. Theravada. In: BRITANNICA. Disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Theravada>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

¹⁰¹ Idem.

A segunda grande escola de pensamento budista, e o foco deste trabalho, sendo o Terra Pura parte dela, é o Budismo Mahayana. Também conhecida como “O Veículo Maior”, a escola Mahayana surgiu aproximadamente em 200 a.C na região da Caxemira, no noroeste da Índia e se espalhou pela Ásia Central e de lá para a Ásia Oriental, para países como a China, Coréia, e o foco deste trabalho, o Japão¹⁰².

A primeira característica da Mahayana, é que de forma distinta de sua “rival” mais antiga, ela prega que o Nirvana é para todos, monge ou leigo, o que faz com que os praticantes da escola Mahayana chamem a escola Theravada de Hinayana, ou, “O Veículo Menor”¹⁰³.

A segunda grande diferença é que para o budismo Mahayana a figura do Arhat perde espaço para a do Bodhisattva¹⁰⁴. Este se trata de alguém que nega o Nirvana para si mesmo e opta por ficar no Samsara, para ajudar outros a atingir a cessação¹⁰⁵.

2.2.4 Três escolas do Budismo Mahayana Chinês.

Para começarmos a entender o Budismo no Japão, quanto mais o Terra Pura Japonês, primeiro é necessária a compreensão de sua fonte, o Budismo Mahayana Chinês, mais especificamente, três escolas do Budismo da China.

2.2.4.1 O Budismo Terra Pura Chinês.

Como mencionado anteriormente, o Mahayana surgiu no norte da Índia, e de lá se propagou pela Ásia Central. Mais especificamente para o Império Cuchana, onde antes ficava o reino greco-pérsico da Bactria¹⁰⁶. Logo, seria inevitável que tamanha proximidade com a Pérsia afetaria a mentalidade budista local, fazendo que a mesma sofresse influência do Zoroastrismo¹⁰⁷, a “religião oficial” dos persas.

¹⁰² MAHAYANA BUDDHISM. In: IRONS, Edward. *Encyclopedia of Buddhism*. Nova York: Facts on File, 2008. p. 323.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ DE BARY, Theodore *et al.* *Sources of Indian Tradition*. Vol. 1. Nova Iorque: Columbia University Press, 1958. p. 151.

¹⁰⁷ Idem. p. 153.

A influência zoroástrica que nos interessa aqui é a da divindade Ahura Mazda, a deidade máxima desta religião¹⁰⁸, que habita um “paraíso no oeste”¹⁰⁹. Logo, surge no corpo de crenças do Mahayana local a figura do Buda Amida, ou Buda Amithaba¹¹⁰.

A narrativa religiosa do Terra Pura aponta a origem de sua crença para o Bodhisattva Dharmakara, que existiu em um passado mítico muito remoto e que, ao atingir a condição de Buda tornou-se o Buda Amithaba, que habita um paraíso ocidental, a Terra Pura, onde recebe com braços abertos na próxima vida aqueles que clamarem por sua salvação¹¹¹. Neste paraíso maravilhoso, também conhecido como Sukhavati¹¹², sob a tutela do Amithaba, o Nirvana torna-se uma certeza¹¹³.

Em 402, a crença no Buda Amida foi trazida para a China e literatura sobre o mesmo traduzida para a linguagem chinesa por Kumarajiva¹¹⁴, um monge indiano trazido para a China com a missão de traduzir uma quantidade massiva de literatura budista¹¹⁵.

Porém, podemos dizer que o “título” de fundador do Budismo Terra Pura Chinês é de Hui Yuan¹¹⁶. Aproximadamente no ano de 380 ele fundou a congregação do Monte Lu, que posteriormente viria a ser considerado o berço e ponto mais sagrado para o Terra Pura na China¹¹⁷.

Dos mestres filhos do Monte Lu, um que merece destaque neste trabalho é Shandao. Shandao introduziu no Terra Pura a ideia de que o Buda Amithaba é tão gloriosamente misericordioso, que tão somente seu nome pode garantir a reencarnação na Terra Pura, conforme passagem de seus Comentários do Sutra Amitayurdhyana¹¹⁸:

“Pense somente no nome de Amida. Seja caminhando ou parado, sentado ou deitado, não se preocupe com o que

¹⁰⁸ SCOTT, David Alan. The Iranian face of Buddhism. In: East and West. Vol. 40. Roma: Istituto Italiano per l’Africa e l’Oriente, 1990. p. 47-77.

¹⁰⁹ PURE LAND BUDDHISM. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 394.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Idem.

¹¹² DEMIÉVILLE, Paul. Philosophy and religion from Han to Sui. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John K. (Ed.). The Cambridge History of China. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 808-872.

¹¹³ PURE LAND BUDDHISM. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 394.

¹¹⁴ DEMIÉVILLE, Paul. Philosophy and religion from Han to Sui. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John K. (Ed.). The Cambridge History of China. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 851.

¹¹⁵ Idem. p. 150-150.

¹¹⁶ Idem. p. 842.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ YUISHIN, Itō. Honen (1133-1212). In: Shapers of Japanese Buddhism. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 63-75.

comprido e o que é curto. Não para de pensar em seu nome nem por um momento. Este é um ato que assegura o renascimento na Terra Pura, pois o mesmo está em acordo com o juramento daquele Buda.” (Tradução nossa)¹¹⁹

2.2.4.2 O Budismo Tientai.

A próximas duas escolas aqui descritas são, diferentes do Terra Pura, legitimamente chinesas. A primeira delas é a Tientai, fundada por Zhi Yi no século sexto¹²⁰. Seu nome vem da cordilheira de Tientai, e seu templo matriz, o Guoqing, foi construído por consequência de um sonho que Zhi Yi teve com o mesmo e com o patrocínio do Imperador da dinastia Sui da época¹²¹.

O Budismo Tientai carrega em si duas grandes temáticas. A primeira delas é o grande foco no Sutra de Lotus¹²², possivelmente o texto mais influente, senão o mais importante, de todo o Budismo, que se apresenta como um veículo infalível único para o Nirvana¹²³.

A segunda temática consiste no caráter unificador, por assim dizer, do Tientai. Esta escola se propõe a ser uma espécie de escola única do Budismo chinês, unificando e harmonizando todas as práticas conhecidas da religião¹²⁴.

2.2.4.3 O Budismo Ch'an.

A terceira escola chinesa a influenciar o Budismo Terra Pura japonês é certamente a que mais evoca na mentalidade da cultura popular a ideia de um monge budista chinês, a escola Ch'an.

Seu suposto fundador é uma figura cuja biografia é tão fascinante que se confunde com lendas épicas. Trata-se nada mais, nada menos, do que possivelmente o monge budista mais conhecido em toda a cultura pop, Bodhidharma¹²⁵, o também alegadamente criador do Kung Fu¹²⁶.

¹¹⁹ "Think solely upon Amida's name. Whether walking or standing, sitting or lying down, do not be concerned with what is long or what is short. Do not cease thinking upon his name even for a moment. This is an act that ensures rebirth in the Pure Land, for it is in accordance with the vow of that Buddha." (original da fonte)

¹²⁰ TIAN TAI SCHOOL (T'IEN TAI). In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 511.

¹²¹ Idem.

¹²² Idem.

¹²³ LOTUS SUTRA (SADDHARMA-PUNDARIKIA-SUTRA, "LOTUS OF THE SUPERB RELIGION"). In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 311.

¹²⁴ TIAN TAI SCHOOL (T'IEN TAI). In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 511.

¹²⁵ CHAN BUDDHISM. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p.

Nascido no sul da Índia, ele teria peregrinado para a China para pregar a prática da Dhyana, uma palavra indiana que se traduz comumente como “meditação”, um dos elementos do Caminho Octuplo¹²⁷. Ao completar sua peregrinação, Bodhidharma teria fundado a escola Ch’an durante a época quando o mesmo era o abade do também extremamente lendário na cultura pop Templo Shaolin¹²⁸.

O Ch’an se trata do sincretismo do Budismo com outra grande e venerável religião de origem chinesa: o Daoismo¹²⁹. Do Daoismo, o Ch’an absorveu a noção de aprendizado por repetição, conhecido nesta religião como Wu Wei¹³⁰. Em outras palavras, o Ch’an ressignifica a noção de Dharma, ignorando completamente a literatura budista e se focando no ensinamento direto do mestre para o aprendiz e no Nirvana pela prática, no caso, da meditação¹³¹.

2.2.5 Uma breve história do Budismo no Japão até o século XIII.

Os primeiros registros da chegada do Budismo no Japão apontam para algum momento entre o ano de 538 e 552¹³². O motivo de sua adoção pelos japoneses, em poucas palavras, é o mesmo da adoção de todo o mecanismo de governança chinês da época por parte dos mesmos: naquele momento da história estava ficando óbvio para a aristocracia japonesa que o Budismo se mostrou para a China ser uma excelente ferramenta de centralização do poder do soberano¹³³.

86.

¹²⁶ HENNING, Stanley E. Academia Encounters the Chinese Martial Arts. In: China Review International, Vol. 6, nº 2. Honolulu: University of Hawai’i Press, 1999. p. 324.

¹²⁷ CHAN BUDDHISM. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 85.

¹²⁸ Idem. p. 86.

¹²⁹ Idem. p. 85.

¹³⁰ SLINGERLAND, Edward. The Chinese Spiritual Idea of Wu Wei. In: Journal of the American Academy of Religion, Vol. 68. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 296.

¹³¹ CHAN BUDDHISM. In: IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008. p. 86.

¹³² KÖYŪ, Sonoda; BROWN, Delmer M. Early Buddha worship. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 1. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 371.

¹³³ Idem. p. 360.

2.2.5.1 O processo histórico de oficialização do Budismo como a Religião Oficial Japonesa.

Tal processo de adoção se deu por iniciativa de uma família aristocrática em ascensão no final do século VI, os Soga¹³⁴. Em 592, o patriarca da família, Soga no Umako, promoveu um golpe de estado, resultando no assassinato do então imperador Sushun e a assunção do trono por sua irmã, Suiko, de mãe Soga¹³⁵. Umako rapidamente percebeu que precisava de algo para legitimá-lo no poder indireto, e promover esta nova religião recém-chegada da Coreia era exatamente o que ele precisava¹³⁶.

Mas, a quem realmente se deve a oficialização do Budismo como religião japonesa é o príncipe regente Shōtoku. Budista fervoroso desde o começo do processo de entrada da religião no país, Shōtoku solidifica o budismo como religião do Japão em sua “Constituição de Dezessete Artigos”¹³⁷, de 645, como pode ser muito bem observado no Art. 2º da mesma¹³⁸:

Reverencie de forma sincera os Três Tesouros do Budismo (Buda, a Lei e o Sacerdócio). Em todos os quatro tipos de vida e em todos os países [do mundo] eles são a verdade última. Qualquer pessoa de qualquer idade deveria reverenciar a lei Budista. Poucas pessoas são realmente más. Se elas forem bem ensinadas, elas serão obedientes. Mas se elas não se convertem para os Três Tesouros [e a verdade contida nos mesmos], como podem ser erros serem retificados? (tradução nossa)¹³⁹

O próximo, e podemos crer final, passo para a instituição do Budismo como religião japonesa foi a instituição neste império do fenômeno dos kokubun-ji, ou templos do estado¹⁴⁰, por parte do imperador Shōmu, o primeiro imperador da história do Japão a se tornar um monge.

¹³⁴ KŌYŪ, Sonoda; BROWN, Delmer M. Early Buddha worship. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 1. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 376.

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ Idem. p. 376-377.

¹³⁷ Idem. p. 382.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Sincerely revere the Three Treasures of Buddhism (Buddha, the Law, and the Priesthood). In all four types of life and in all countries [of the world] they are the ultimate truth. Any person of any age should revere Buddhist law. Few persons are really bad. If they are well taught, they will be obedient. But if they are not converted to [the truth of] the Three Treasures, how can their wrongs be corrected? (original da fonte)

¹⁴⁰ KŌYŪ, Sonoda; BROWN, Delmer M. Early Buddha worship. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 1. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 397.

No ano de 749 foi oficialmente forjado o Grande Buda de Nara, dedicado ao Buda Roshana, ou Vairocana, um grande projeto de Shōmu, marcando assim a fundação do Tōdai-ji¹⁴¹, o templo budista que viria a servir como o ponto central de um intrincado sistema de templos estatais¹⁴².

Importante lembrar que, durante todo este processo de chegada e consolidação do Budismo no Japão, o Xintoísmo, a religiosidade animista nativa japonesa, também conhecido como o culto aos Kami, em nenhum momento deixou de existir com a chegada da nova religião ao país.

Muito pelo contrário, o que passou a se observar ao longo dos séculos de introdução da religião indiana foi um curioso processo de sincretismo entre as duas religiões em solo japonês, no qual alguns Budas e Bodhisattivas são considerados Kami e vice e versa¹⁴³.

2.2.5.2 Saichō: O fundador do Budismo Tendai.

Dos vários “filhos” do Tōdai-ji, um dos mais notórios certamente é Saichō¹⁴⁴. De acordo com uma lenda que concerne à vida do monge, seu relacionamento com o Monte Hiei, montanha a nordeste da cidade de Kyōto¹⁴⁵, teria começado antes mesmo de seu nascimento.

Seu pai, um budista devoto, teria alegadamente isolado-se de forma ascética no Monte Hiei com o intuito de suplicar à Hie Sannō, o Kami desta montanha, por um filho¹⁴⁶. Na quarta noite, ele teria sonhado com o nascimento de um filho abençoado e virtuoso, que viria a ser Saichō¹⁴⁷.

Saichō iniciou a vida sacerdotal aos onze anos de idade, e aos dezoito foi oficialmente ordenado no Tōdai-ji¹⁴⁸. Três meses depois de sua ordenação, o mesmo foi tomado por sentimentos de efemeridade das coisas e acabou por se refugiar para meditação, de todos os lugares, no Monte Hiei¹⁴⁹.

¹⁴¹ KŌYŪ, Sonoda; BROWN, Delmer M. Early Buddha worship. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 1. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 401.

¹⁴² Idem. p. 397-398.

¹⁴³ Idem. p. 413-414.

¹⁴⁴ KŌYŪ, Sonoda. Saichō (767-822). In: YŪSEN, Kashiwahara; KŌYŪ, Sonoda (Ed.); SEKIMORI, Gaynor (trad.). Shapers of Japanese Buddhism. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 29.

¹⁴⁵ Idem. p. 26.

¹⁴⁶ Idem. p. 28.

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Idem. p. 29.

¹⁴⁹ Idem.

Neste período de estudos, lhe chamou muito a atenção a escola Tientai chinesa, principalmente no que concerne às teorias da mesma sobre a capacidade de todos os seres de se tornarem budas¹⁵⁰.

Em 794, o imperador Kammu move a capital para Kyōto, fazendo com que, em 797, Saichō seja chamado para servir como um dos sacerdotes da corte. Esta proximidade com Kammu garantiu a Saichō em 804 a oportunidade de visitar a China para poder estudar o Budismo Tientai no monte de mesmo nome¹⁵¹.

Ao retornar para o Japão com 230 cópias escritos budistas nos braços¹⁵², Saichō sabia o que fazer. Em 806, foi oficialmente fundada a escola Tendai, a extensão japonesa do Budismo Tientai, com dois monges ordenados nesta escola ainda no mesmo ano¹⁵³.

2.2.5.3 Hōnen: O fundador do Budismo Terra Pura Japonês.

Dos discípulos do Monte Hiei, sem sombra de dúvidas aquele que mais se destaca, para bem ou para mal, é Hōnen. Ele viveu entre 1133 e 1212¹⁵⁴, ou seja, o mesmo foi contemporâneo à própria Guerra Genpei. Nasceu entre a aristocracia rural da província de Mimasaka, filho de uma nobre de nome proeminente na região e de um oficial¹⁵⁵.

Ainda aos oito anos de idade, Hōnen viria a perder o pai, assassinado por um oficial rival¹⁵⁶. O jovem então ficou aos cuidados de seu tio materno, um monge do Bodai-ji, um templo na própria província de Mimasaka¹⁵⁷. Então, aos quatorze anos, foi enviado ao Monte Hiei para ser ordenado na escola Tendai, onde pelos próximos vinte anos se dedicaria a estudar profundamente a Dharma¹⁵⁸.

Após, alegadamente, ter lido todo o cânone budista cinco vezes e os comentários da escola Tendai sobre os mesmos diversas vezes, Hōnen descobriu um texto que viria a mudar

¹⁵⁰ KŌYŪ, Sonoda. Saichō (767-822). In: YŪSEN, Kashiwahara; KŌYŪ, Sonoda (Ed.); SEKIMORI, Gaynor (trad.). *Shapers of Japanese Buddhism*. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 31.

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Idem. p.32.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ YUISHIN, Itō. Hōnen (1133-1212). In: YŪSEN, Kashiwahara; KŌYŪ, Sonoda (Ed.); SEKIMORI, Gaynor (trad.). *Shapers of Japanese Buddhism*. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 63-75.

¹⁵⁵ Idem. p. 64.

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Idem. p. 64-65.

toda a forma como o mesmo compreendia os ensinamentos de Buda: os Comentários do Sutra Amitayurdhyana, de Shandao¹⁵⁹, mencionados acima.

Hōnen estava convicto de que o velho monge chinês havia encontrado o veículo definitivo para o Nirvana na evocação do nome do Buda Amida, a ponto de ter tido um sonho com Shandao, onde o mesmo ensinou Hōnen que ele havia descoberto a verdade soberana, e que então era seu dever disseminá-la por entre o povo¹⁶⁰.

Com isso, em 1175, Hōnen abandonou o Monte Hiei e foi pregar sua grande descoberta em Kyōto, em meio ao turbilhão da Guerra Genpei¹⁶¹. Mesmo em tais tempos turbulentos, o monge conseguiu agremiar uma congregação de razoável tamanho. Em 1198, Hōnen então escreve a “Coleção de Passagens sobre o Juramento Original e o Nenbutsu”, onde ele explica exatamente o que queria com a sua nova escola Terra Pura¹⁶²:

Se quisermos nos libertar do ciclo de nascimento e morte, nós devemos deixar de lado pelo menos por enquanto um dos dois ensinamentos excelentes, o caminho sagrado, e optar e adentrar pelo caminho da Terra Pura. Se nós quisermos adentrar o caminho da Terra Pura, que apresenta dois meios de treinamento, o verdadeiro e o variado, nós devemos pelo menos por enquanto rejeitar o método variado e selecionar o método verdadeiro. Se quisermos praticar o método verdadeiro, que inclui praticar “essenciais” e “úteis”, devemos ignorar a útil e selecionar apenas a essencial. A essencial [que garante renascimento a Terra Pura] consiste em invocar o nome de Buda. Isto certamente garante o renascimento na Terra Pura, pois está de acordo com o Juramento Original de Buda. (tradução nossa)¹⁶³

Em outras palavras, toda a doutrina de Hōnen consistia simplesmente em evocar o nome do Buda Amida para garantir a reencarnação na Terra Pura, e tal via, de acordo com o monge, seria aberta para absolutamente qualquer um, até mesmo os vis ou quem

¹⁵⁹ YUISHIN, Itō. Hōnen (1133-1212). In: YŪSEN, Kashiwahara; KŌYŪ, Sonoda (Ed.); SEKIMORI, Gaynor (trad.). *Shapers of Japanese Buddhism*. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 66.

¹⁶⁰ Idem. p. 67.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² Idem. p. 69.

¹⁶³ If we wish to free ourselves from the round of birth and death, we should lay aside at least for now one of the two excellent teachings, the holy path, and select and enter the way of the Pure Land. If we wish to enter the way of the Pure Land, which advocates two methods of training, the true and the miscellaneous, we should at least for now reject the miscellaneous method and select the true one. If we wish to practice the true method, which includes "essential" and "helpful" practices, we should set aside the helpful practice and select only the essential one. The essential one [which ensures rebirth in the Pure Land] consists of invoking the Buddha's name. This certainly results in rebirth in the Pure Land, for it accords with the Buddha's Original Vow. (original da fonte)

desobedecesse qualquer outro preceito budista¹⁶⁴. Desnecessário dizer, tal doutrina tão “aberta” não agradou nem um pouco os outros setores da Sangha japonesa¹⁶⁵.

Apesar das tentativas de Hōnen de tentar impor limites sobre seus seguidores¹⁶⁶, para os monges mais convencionais isto não bastou, e a pressão para a destruição da escola de Hōnen perante o imperador se iniciou¹⁶⁷.

Finalmente, em 1206, por consequência do desentendimento do imperador com aprendizes de Hōnen, o mesmo acabou por ser exilado de Kyōto¹⁶⁸, e assim viria a ficar até 1211¹⁶⁹. Hōnen veio a falecer em 1212¹⁷⁰, e após sua morte seus seguidores começaram a se organizar de forma a propagar seus ensinamentos¹⁷¹.

2.2.6 As crenças que caracterizam o Budismo Terra Pura.

Agora que a escola de Budismo sendo estudada neste trabalho, a Terra Pura, teve sua origem devidamente contextualizada, podemos finalmente analisar os elementos que a compõem, começando pela noção de mappō.

2.2.6.1 O Mappō.

A primeira noção necessária para que se entenda o pensamento Terra Pura, principalmente durante o final do período Heian e início do período Kamakura, época de grandes distúrbios, é uma noção básica existente no coração da doutrina Budista até então ainda não estudada neste capítulo: a noção das Três Eras da Dharma.

Para os Budistas, o tempo, desde a morte natural do Buda Gautama, se divide em três eras: a Saddharma, ou, Era do Verdadeiro Dharma, a Saddharma-prativapava, ou, Era do Dharma Imitado e a Saddharma-vipralopa, ou, Era do Último Dharma¹⁷². Em cada uma dessas

¹⁶⁴ YUISHIN, Itō. Hōnen (1133-1212). In: YŪSEN, Kashiwahara; KŌYŪ, Sonoda (Ed.); SEKIMORI, Gaynor (trad.). Shapers of Japanese Buddhism. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 70.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Idem. p. 71.

¹⁶⁸ Idem. p. 72.

¹⁶⁹ Idem. p. 73.

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Idem. p. 74.

¹⁷² MARRA, Michele. The Development of Mappo Thought in Japan (1). In: AMSTUTZ, Galen (Ed.). Critical readings on Pure Land Buddhism in Japan. Vol. 1. Leiden: Koninklijke Brill, 2020. p. 79.

eras, progressivamente, a Dharma se torna mais decaída e corrompida¹⁷³, e por consequência torna-se progressivamente mais custoso atingir o Nirvana¹⁷⁴.

A duração da Era do Último Dharma é consenso entre a Sangha: Dez Mil anos¹⁷⁵. As duas Eras anteriores têm cada uma duração de quinhentos a mil anos¹⁷⁶. Esta indefinição na duração das duas primeiras Eras resultam em diversas discussões dentro da Sangha quanto à data do fim de uma determinada Era e o início de outra¹⁷⁷.

No Japão, a Era do Verdadeiro Dharma é chamada de Shōbō, a Era do Dharma Imitado se chama Zōbō e a Era do Último Dharma se chama Mappō¹⁷⁸. Para os japoneses do Heian tardio e do início do Kamakura, ao observar todo o caos e toda a guerra dos distúrbios Hōgen e Heiji e da própria guerra Genpei lhes deu a certeza: O Mappō, a Era da Grande Decadência e de maior impossibilidade do Nirvana, havia chegado¹⁷⁹.

Diante de um quadro desses, a salvação oferecida pela Terra Pura não vem a ser somente o meio mais célere para o Nirvana, como ensina Hōgen, mas também a única alternativa diante de uma Era onde seguir a Dharma tornou-se para todos os fins práticos algo impossível¹⁸⁰.

2.2.6.2 O Nenbutsu.

Como já estudado acima, a salvação oferecida pelo Buda Amida deve ser alcançada pelo meio da invocação do nome deste Buda. Mas o que quer dizer isto exatamente? Hōnen acreditava que somente a vocalização do Buda Amithaba já bastava para que este Buda, em sua interminável misericórdia celeste, garantisse a quem o procura a reencarnação na Terra Pura, através da repetição da frase “Namu Amida Butsu”¹⁸¹, que pode ser traduzido como “Rogo ao Buda Amida”.

¹⁷³ MARRA, Michele. The Development of Mappo Thought in Japan (1). In: AMSTUTZ, Galen (Ed.). Critical readings on Pure Land Buddhism in Japan. Vol. 1. Leiden: Koninklijke Brill, 2020. p. 82.

¹⁷⁴ Idem. p. 80.

¹⁷⁵ Idem. p. 79.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ Idem. p. 85.

¹⁷⁸ Idem. p. 79.

¹⁷⁹ VARLEY, H. Paul. Cultural Life in Medieval Japan. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 3. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 447.

¹⁸⁰ MARRA, Michele. The Development of Mappo Thought in Japan (1). In: AMSTUTZ, Galen (Ed.). Critical readings on Pure Land Buddhism in Japan. Vol. 1. Leiden: Koninklijke Brill, 2020. p. 84.

¹⁸¹ ANDREWS, Allan A. Honen on Attaining Pure Land Rebirth: the Selected Nenbutsu of the Original Vow. In: AMSTUTZ, Galen (Ed.). Critical readings on Pure Land Buddhism in Japan. Vol. 1. Leiden: Koninklijke Brill, 2020. p. 226.

É debatido entre os fiéis do Terra Pura a quantidade de vezes que se deve pronunciar o Nenbutsu, ou como o mesmo deve ser praticado. De acordo com Hōnen, por exemplo, a prática do Nenbutsu podia variar de uma só vez a até uma vida inteira de prática intensa¹⁸².

Agora que está finalmente explicado e conceituado tanto o Heike Monogatari, quanto o Budismo Terra Pura, podemos seguir para o Capítulo III e observar como o segundo teve influência sobre o primeiro.

2.3 CAPÍTULO 3: O BUDISMO TERRA PURA COMO ELEMENTO INFLUENCIADOR DO HEIKE MONOGATARI.

Uma vez que podemos compreender o contexto geral, tanto o do Heike Monogatari quanto o do Budismo Terra Pura, podemos agora iniciar aquilo a que este trabalho se propõe: estudar a influência que o segundo teve sobre o primeiro. Sem mais tardar, iniciemos então demonstrando como o Terra Pura se apresenta nas páginas da obra através de trechos da mesma.

2.3.1 O Budismo Terra Pura nos versos do Heike Monogatari.

Uma vez devidamente munidos do devido conhecimento sobre a religiosidade budista do Japão do século XIII, apresentado até o momento neste trabalho, torna-se óbvia a inspiração da religião budista na composição do Heike. Logo nos primeiros versos da obra observamos uma referência inequívoca¹⁸³:

Os sinos do Templo Jetavana
anunciam a passagem de todas as coisas.
Árvores shala germinadas, com as copas cheias de flores
brancas,
anunciam a queda certa dos grandes homens.
Os arrogantes não duram muito:
Eles são como um sonho uma noite na primavera.
Os ousados e bravos perecem no fim:
Eles são como pó diante do vento.¹⁸⁴ (Tradução nossa)

¹⁸² ANDREWS, Allan A. Honen on Attaining Pure Land Rebirth: the Selected Nenbutsu of the Original Vow. In: AMSTUTZ, Galen (Ed.). *Critical readings on Pure Land Buddhism in Japan*. Vol. 1. Leiden: Koninklijke Brill, 2020. p. 228.

¹⁸³ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 48.

¹⁸⁴ The Jetavana Temple bells / ring the passing of all things. / Twinned sal trees, white in full flower, / declare the great man's certain fall. / The arrogant do not long endure: / They are like a dream one night in spring. / The bold and brave perish in the end: / They are as dust before the wind. (Original da fonte)

Esta passagem é o início do primeiro capítulo do primeiro livro da obra, capítulo este apropriadamente chamado de “O Templo Jetavana”. Além da referência explícita ao templo original do Buda Gautama, a passagem também referência um dos três elementos da existência para o Budismo, a Anitya.

Além de fazer menção ao Jetavana e à Anitya, esta passagem inicial resume sobre o que é o Heike Monogatari como um todo: é um conto sobre a passagem de todas as coisas e a queda dos grandes homens. Se fossemos resumir o Heike à uma única temática, poderíamos seguramente dizer que se trata de um conto sobre a Anitya.

O ponto inicial da narrativa do Heike Monogatari, a ascensão dos Taira, tem como ponto de partida a construção e dedicação de um templo budista, o Tokujōju-in, ao imperador retirado Toba por parte de Taira no Tadamori¹⁸⁵:

Era então assim até que Tadamori, então o governador de Bizen,
ergueu para o Imperador Retirado Toba [r. 1107–23]
O Tokujōju-in, o templo que Sua Eminência havia jurado
de construir.
Tadamori o fez com trinta e três baias de comprimento, e
dentro,
ele pôs em lugar de adoração mil e um budas.
a dedicação ocorreu em Tensho 1, terceiro mês, décimo
terceiro dia. [1131]
Sua Eminência decretou em troca
que qualquer posto de governador então vacante deveria ir
para Tadamori. (tradução nossa)¹⁸⁶

A série de eventos em “efeito dominó” que resultam na Guerra Genpei e na queda dos Taira do poder se inicia com um templo budista sendo dessacrado e com a cadeia de eventos relativa à resposta dos monges à mesma dessacração¹⁸⁷:

Os monges de Ugawa, um templo montês perto da capital
da província,
aqueceram água e estavam tomando seu banho
quando Morotsune, recém chegado na província,
os agrediu, os atirou para fora da casa de banho,

¹⁸⁵ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 48.

¹⁸⁶ So it was until Tadamori, then the governor of Bizen, / put up for Retired Emperor Toba [r. 1107–23] / Tokujoju-in, the temple that His Eminence had vowed to build. / Tadamori made it thirty-three bays long, and within, / he enshrined a thousand and one buddhas. / The dedication took place in Tensho 1, third month, thirteenth day. [1131] / His Eminence decreed in return / that any governor post then vacant should go to Tadamori. (original da fonte)

¹⁸⁷ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 84.

entrou no banho ele próprio, e fez com que seus vassallos desmontassem para lavar seus cavalos.
Os monges estavam furiosos. (tradução nossa)¹⁸⁸

Quando o príncipe imperial Mochihito dá início à rebelião que resulta na guerra Genpei, os primeiros a acolherem seu chamado às armas foram justamente os monges-guerreiros de diversos templos¹⁸⁹:

O príncipe deu permissão aos monges mais velhos para ficarem para trás. Os jovens mais adequadamente hábeis e os guerreiros veteranos do templo foram com ele. Yorimasa trouxe todos os seus homens. Dizem que o bando era de mil no total. Adepto Keishu se apresentou perante Sua Alteza, apoiando-se em um cajado com sua cabeça talhada no formato de uma pomba. (tradução nossa)¹⁹⁰

Até mesmo a própria presença de Minamoto no Yoritomo no conflito, de acordo com o Heike Monogatari, se deu por interferência de um homem santo budista, Mongaku¹⁹¹:

Agora, falando de Minamoto no Yoritomo:
No décimo segundo mês de Heiji 1, seu pai, Yoshitomo, então chefe da estribaria esquerda, se rebelou, [1159] de forma que em seu décimo quarto ano, no décimo segundo do terceiro mês do Eiryaku 1, [1160] Yoritomo se viu banido para Hiru-ga-shima na província de Izu.
Ele passou mais de vinte anos lá e sem dúvidas manteve-se discreto todo este tempo,
mas no ano em que chegamos, ele, também, ergueu rebelião. Por quê?
Porque, dizem, o homem santo Mongaku de Takao apelou que ele o fizesse. (tradução nossa)¹⁹²

¹⁸⁸ The monks of Ugawa, a mountain temple near the provincial seat, / had heated water and were taking their Bath / when Morotsune, just arrived in the province, / burst in on them, threw them out of the bathhouse, / got into the bath himself, and had his underlings dismount to wash their horses. / The monks were furious. (original da fonte)

¹⁸⁹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 249.

¹⁹⁰ The prince gave the older monks leave to stay behind. The more suitably able youths and the hardened temple warriors went with him. Yorimasa brought all his men. They say the band numbered a thousand in all. Adept Keishu presented himself before His Highness, leaning on a staff with its head carved in the shape of a dove. (original do texto)

¹⁹¹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 291.

¹⁹² Now, to speak of Minamoto no Yoritomo: / In the twelfth month of Heiji 1, his father, Yoshitomo, then chief left equerry, rebelled, [1159] / so that in his fourteenth year, on the twentieth of the third month of Eiryaku 1, [1160] / Yoritomo found himself banished to Hiru-ga-shima in the province of Izu. / He spent more than twenty years there and no doubt lay safely low all that time, / but in the year we have reached, he, too, raised rebel lion. Why? / Because, they say, the holy man Mongaku of Takao urged him to do so. (original da fonte)

Em resposta à uma rebelião de monges de Nara, Taira no Kiyomori ordena a destruição do grande templo Tōdai-ji, incluindo queimar e derreter seu Grande Buda Roshana¹⁹³. Em resposta à tal blasfêmia, Kiyomori contrai uma febre sobrenaturalmente quente, que o cozinha até a morte¹⁹⁴. Sua esposa, Nii, em um sonho vê uma fumegante carroça infernal enviada pelo próprio Rei do Inferno, Enma, para buscar seu marido. Quando Nii pergunta ao tenebroso veículo porque seu amado será levado, a resposta é certa¹⁹⁵:

Pelo crime de queimar o Roshana forjado em bronze de
dezesesse pés
no Jambudivipa, o continente sul dos homens,
O Rei Enma sentenciou Kiyomori às profundezas do
Muken,
o inferno de agonia inquebrável. (tradução nossa)¹⁹⁶

Estes são somente alguns dos pontos mais importantes da obra que demonstram o quanto a mesma é influenciada pela religião budista, quando procuramos indícios da mesma em termos gerais em sua estrutura.

Agora, se quisermos procurar uma influência mais específica, podemos, por exemplo, procurar por influências do Budismo Mahayana, localizando no Heike seu elemento mais característico: a figura do Bodhisattva.

Um momento da obra onde ela aparece, por exemplo, é quando está sendo discutido pela corte do daijō-daijin o que fazer com o abade Meiun, o líder da primeira rebelião de monges do Monte Hiei que representa o primeiro passo para a queda dos Taira. Entre as várias qualidades do velho mestre está ter ensinado segredos iniciáticos relativos aos Bodhisattvas ao próprio Go-Shirakawa¹⁹⁷:

Parece que aqueles versados na lei
aconselham reduzir a pena de morte em um passo
para exílio distante. Eu me pergunto, porém.
Puro em conduta, ele manteve os preceitos,
tão perfeitamente que guiado por ele,
o imperador atingiu a maestria do Sutra de Lotus.
Dele que o imperador enclausurado
recebeu os votos dos bodhisattvas.
Punição rígida para tal professor

¹⁹³ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 315-319.

¹⁹⁴ Idem. p. 339.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ For the crime of burning the sixteen-foot, gilt-bronze Roshana / on Jambudvīpa, the southern continent of men, / King Enma has sentenced Kiyomori to the depths of Muken, / the hell of unbroken agony. (original da fonte)

¹⁹⁷ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 102.

pode ofender os poderes invisíveis.
Sentencia-lo para o exílio distante e retorna-lo à vida leiga
seria realmente sábio? (tradução nossa)¹⁹⁸

Preces aos Bodhisattvas podem ser encontradas também na obra. Quando é confirmado que a imperatriz Kenreimon-in está carregando o futuro imperador-menino Antoku em seu ventre, parte do esforço ritualístico para proteger aquela gravidez consistia em orações aos Bodhisattvas¹⁹⁹:

Uma vez que a gravidez foi confirmada, grandes curandeiros e monges sagrados foram mobilizados para realizarem os mais poderosos e secretos rituais, enquanto preces apaixonadas pelo nascimento de um príncipe foram erguidas às estrelas, às constelações, aos budas e aos bodhisattvas. (tradução nossa)²⁰⁰

A maior presença de Bodhisattvas no texto, porém, são a de referências à Bodhisattvas específicos. Uma das punições recebidas por Meiun, abade do Monte Hiei, por instigar rebelião contra os Taira, foi ter seu posto de capelão imperial removido e sua imagem de Kannon, a Bodhisattva da compaixão, tomada dele²⁰¹:

No primeiro ano da Era Jisho, no quinto mês e quinto dia,
[1177]
Meiun, abade do Monte Hiei, foi barrado dos serviços religiosos no palácio.
Um serviçal chegou para pegar de volta seu Nyoirin de Kannon,
e ele foi substituído como o capelão do palácio. (tradução nossa)²⁰²

Quando o Grande Conselheiro Narichika procura Taira no Shigemori, o filho primogênito de Kiyomori, para salvá-lo da fúria do mesmo, a obra compara o alívio de

¹⁹⁸ It appears that those versed in the law / advise reducing death by one step / to distant exile. I wonder, though. / Meiun, the former abbot, mastered / both sides of the exalted Teaching, / the exoteric and esoteric. / Pure in conduct, he kept the precepts, / so perfectly that under his guidance / the emperor mastered the Lotus Sutra. / From him the cloistered emperor / received the bodhisattva vows. / Strict punishment for such a teacher / might offend the unseen powers. / Would sentencing him to distant exile and returning him to lay life really be wise? (original da fonte)

¹⁹⁹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 164.

²⁰⁰ Once pregnancy was confirmed, great healers and holy monks were set to performing the most powerful and secret rituals, while impassioned prayers for the birth of a prince went up to the stars, the constellations, the buddhas, and the bodhisattvas. (original da fonte)

²⁰¹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 102.

²⁰² In the first year of Jisho, the fifth month and day, [1177] / Meiun, abbot of Mount Hiei, was barred from religious services at the palace. / A chamberlain arrived to take back his Nyoirin Kannon, / and he was replaced as a palace chaplain. (original da fonte)

Narichika ao daquele condenado ao Inferno quando encontra Jizō, um Bodhisattva que vaga o Inferno para resgatar as almas dos condenados²⁰³.

Apenas então foi que Narichika olhou para cima, o alívio escrito por toda a sua face,
Muito similar a um pecador no inferno quando contemplasse ao bodhisattva Jizo. (tradução nossa)²⁰⁴

Mas, sem sombra de dúvidas, o Bodhisattva mais recorrente na obra é a divindade guardiã dos Minamoto, o Bodhisattva da guerra e dos arqueiros, Hachiman. Quando o Príncipe Imperial Mochihito apelou pela ajuda do Templo Miidera, os monges, em conselho, mencionam tal apelo como uma intervenção de Hachiman²⁰⁵:

Eventos recentes nos levam à conclusão de que em nosso tempo
o Caminho de Buda está em declínio e o Caminho do Soberano suprimido.
Se não reagirmos agora à violência de Kiyomori, quando que nós o faremos?
A chegada de Sua Majestade para se juntar à nós demonstra que sem sombra de dúvidas
Hachiman e a grande Divindade Shinra nos garante sua proteção. (tradução nossa)²⁰⁶

O Heike Monogatari conta a história de que certa vez, quando uma criatura quimérica, com múltiplas partes de vários animais, ameaçava durante a noite o sossego do Palácio Imperial, Minamoto no Yorimasa foi chamado para lidar com a besta. Ao disparar a flecha derradeira que derrubou a criatura, ele faz uma prece a Hachiman²⁰⁷:

Ainda assim ele pegou uma flecha,
encaixou-a cuidadosamente na corda,
e conclamou nas profundezas secretas de seu coração,
“Glória ao Grande Bodhisattva Hachiman!”
puxou a flecha ao máximo, e a fez voar. (tradução nossa)²⁰⁸

²⁰³ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 117.

²⁰⁴ Only then did Narichika look up, poor man, relief written all over his face, / much as a sinner in hell might gaze on the bodhisattva Jizo. (original da fonte)

²⁰⁵ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 242.

²⁰⁶ Recent developments invite the conclusion that in our time / the Buddha's Way is in decline and the Way of the Sovereign suppressed. / If we do not now chastise Kiyomori's violence, when will we ever do so? / His Highness's arrival to join us demonstrates beyond doubt / that Hachiman and the great Shinra Deity grant us their protection. (original da fonte)

²⁰⁷ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 265.

²⁰⁸ Nonetheless he took an arrow, / fitted it carefully to the string, / called in the secret depths of his heart, / "Hail, Great Bodhisattva Hachiman!," / drew to the full, and let fly. (original da fonte)

Durante os primeiros dias da Guerra Genpei, um dos vassallos de Minamoto no Masayori tem um sonho auspicioso: No qual a Espada do Comando, que representa a autoridade no Japão, teria sido passada de Kiyomori para Yoritomo, e que Hachiman teve envolvimento direto nisso²⁰⁹:

Em outro momento um dos jovens serviçais do Senhor Minamoto no Masayori teve um sonho assustador. Ele se encontrava no que ele supôs ser a Burocracia dos Templos. Um encontro de vários oficiais de alto grau, vestidos formalmente, estava engajado em algum tipo de debate, ao que no fim eles expulsaram de sua companhia um cujo assento foi o mais novato entre eles. Esta figura parecia ser um aliado dos Heike. “Quem é este cavalheiro?”, o sonhador perguntou a um velho. “A divindade de Itsukushima,” o velho respondeu. Então um ancião imponente, sentado no lugar de honra, anunciou, “A Espada do Comando, conferida a algum tempo atrás à casa Taira, nós agora presenteamos à Yoritomo, em exílio na província de Izu.” Outro, similarmente imponente ancião sentado ao lado dele, interjeitou, “Mas, por favor, deixe que ela passe de agora em diante para os meus descendentes.” O sonhador perguntou qual era o significado de tudo aquilo. O velho respondeu, “Aquele que deu a Espada de Comando para Yoritomo é o Grande Bodhisattva Hachiman, e aquele que a quer passada para os seus descendentes é a Divindade de Kasuga. Quanto a mim, sou a Divindade de Takeuchi. (tradução nossa)²¹⁰

Uma vez que é possível de se perceber facilmente que o Heike Monogatari carrega em seu texto forte presença Budista e também forte presença do Mahayana, finalmente se faz possível demonstra a presença da Escola Terra Pura na obra. O primeiro personagem significativo a expressar a crença em Sukhavati na obra é Taira no Shigemori, o primogênito prodígio de Kiyomori, que chega a construir um templo dedicado à Amida para poder acumular bom karma²¹¹:

²⁰⁹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 282.

²¹⁰ Another time one of Lord Minamoto no Masayori's young housemen had a frightening dream. He found himself in what he took to be the Bureau of Shrines. A large gathering of senior officials, formally dressed, was engaged in some sort of debate, at the end of which they expelled from their company one whose seat had been the most junior among them. This figure appeared to be a Heike ally. “Who is this gentleman?” the dreamer asked an old man. “The divinity of Itsukushima,” the old man replied. Next an imposing elder, seated in the place of honor, announced, “The Sword of Command, bestowed some time ago on the Taira house, we now award to Yoritomo, in exile in the province of Izu.” Another, similarly imposing elder seated next to him interjected, “But please let it pass thereafter to my descendants.” The dreamer asked further what all this meant. The speaker replied, “The one who gave the Sword of Command to Yoritomo is the Great Bodhisattva Hachiman, and the one who wanted it to pass to his descendants is the Kasuga Deity. As for myself, I am the Takeuchi Deity.” (original da fonte)

²¹¹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 196.

Em todas as coisas Lorde Shigemori aspirava abolir o pecado e cultivar bom karma.
Lamentando os altos e baixos do renascimento em vidas por vir,
ele então construiu no pé das Colinas à Leste um templo de quarenta e oito baias de comprimento,
inspirado pelos seis-vezes-oito votos do Buda Amida,
e em cada baia ele pendurou uma lanterna: quarenta e oito, para quarenta e oito baias.
O trono nônio de lótus brilhava perante os olhos do observador;
O espelho de fênix brilhava como se fosse possível contemplar o próprio paraíso. (tradução nossa)²¹²

A devoção de Shigemori à Amida era tamanha que chegou a render-lhe um apelido relativo à forma como ele construiu seu templo²¹³:

Assim então ele voltou cada mérito seu para jurar renascimento na Terra Pura, levando à misericórdia todos que o viram, todos que o ouviram caíram em lágrimas pesadas.
Então veio a acontecer que as pessoas chamavam ele de “O Ministro das Lanternas.” (tradução nossa)²¹⁴

A esposa de um guerreiro a serviço dos Taira, quando ouviu que perdeu seu marido na batalha de Ichi-no-Tani, em uma das embarcações da marinha Taira em fuga, clama para o Buda Amida a reencarnação na Terra Pura junto de seu amado antes de se atirar nas águas, tirando sua própria vida²¹⁵:

O vasto oceano se estendia diante dela.
Para qual caminho ficava o oeste ela não sabia,
mas ela deve ter adivinhado que a lua afundou para ali além das montanhas,
pois ela quietamente invocou o Nome.
Tarambolas cantavam nos bancos de areia,
remos estralando ao longo do estreito davam à noite um clima de tristeza profunda,
enquanto, baixinho, por cem vezes,
ela invocava o Nome de Amida

²¹² In all things Lord Shigemori aspired to abolish sin and cultivate good karma. / Lamenting the heights and depths of rebirth in lives to come, / he therefore built at the foot of the Eastern Hills a temple forty-eight bays long, / inspired by the six-times-eight great vows of the Buddha Amida, / and in each bay he hung a lantern: forty-eight, for forty-eight bays. / The ninefold lotus throne glittered before the viewer's eyes; / the phoenix mirror shone as though one gazed on paradise itself. (original da fonte)

²¹³ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 197.

²¹⁴ Thus he turned his every merit / to vow rebirth in the Pure Land, / moving to mercy all who saw him, / all who heard him to heartfelt tears. / So it came to pass that people / called him the “Lantern Minister.” (original da fonte)

²¹⁵ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 501.

e, chorando, implorou a ele, distante,
 “Viva, em seu Paraíso Ocidental,
 Salvador do Mundo, Oh, Buda Amida,
 Oh, honre seu Voto Original,
 me guie daqui para a sua Terra Pura,
 devolva-me o amor que perdi,
 Nos entrone em um mesmo trono de lótus!” (tradução
 nossa)²¹⁶

Cena similar em um dos momentos mais climáticos da obra: Quando o imperador-menino Antoku, nos braços de sua avó, a monja Nii, tem sua vida tirada, junto do que restou de sua corte, se atirando nas águas do estreito de Dannoura. Antes de morrer com o neto em seus braços, Nii o explica tudo²¹⁷:

“Para onde está me levando, avó?”
 ele perguntou com curiosidade em seus olhos.
 “Você ainda não sabe, Vossa Majestade?
 Seus karma virtuoso de vidas passadas
 fizeram de você o soberano deste reino,
 mas agora a influência de algum mal
 findaram com sua grandeza.
 Primeiro, Vossa Majestade, por favor,
 olhe para o leste e se despeça do Grande Templo de Ise;
 então, confiando que Amida o receba em seu Paraíso
 Ocidental,
 olhe para o oeste e invoque seu Nome.
 Esta terra nossa, alguns grãos de pãoço jogados em mares
 remotos, não é um bom lugar.
 Eu estou levando-o para uma muito mais alegre, a Terra
 Pura de Regozijo.”
 Assim ela se referiu a ele, chorando.²¹⁸

No que é possivelmente a manifestação mais fantástica de Amida em toda a obra, na cena final do Heike Monogatari, a então imperatriz e agora monja Kenreimon-in, no fim de sua vida, é levada para Sukhavati de uma forma que se manifesta no mundo terreno²¹⁹:

²¹⁶ The vast ocean spread before her. / Which way was west she did not know, / but she must have guessed that the moon / sank yonder behind the mountains, / for she quietly called the Name. / Plovers crying on the sand bars, / oars creaking off across the strait / lent the night a piercing sadness / while, very low, one hundred times, / she called the Name of Amida / and, weeping, begged him from afar, / “Hail, in your Western Paradise, / World Savior, O Buddha Amida, / O honor your Original Vow, / lead me hence to your Pure Land, / restore to me the love I lost, / seat us both on one lotus throne!” (original da fonte)

²¹⁷ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 586.

²¹⁸ “Where are you taking me, Grandmother?” / he asked with wonder in his eyes. / “You still do not know, Your Majesty? / Your virtuous karma from past lives / made you sovereign over the realm, / but now the influence of some evil / has brought your grandeur to an end. / First, Your Majesty, if you please, / face east and say good-bye to the Grand Shrine of Ise; / then, trusting Amida to welcome you into his Western Paradise, / face west and call his Name. / This land of ours, a few millet grains scattered in remote seas, is not a nice place. / I am taking you now to a much happier one, the Pure Land of Bliss.” / So she addressed him, weeping. (original da fonte)

A voz dela invocando o Nome cessou lentamente.
 No oeste uma nuvem púrpura apareceu,
 um perfume que não é deste mundo preencheu a sala,
 e música doce tocava do céu. (tradução nossa)²²⁰

E existe, finalmente, uma passagem da obra que deixa evidente para quem a está lendo, que a mesma, sem sombra de dúvidas, se trata de uma balada de guerra inspirada no Budismo Terra Pura: o próprio Hōnen surge em uma cena como um dos personagens da obra!

Após a Batalha de Ichi-no-Tani, Taira no Shigehira, o patriarca do clã Taira naquele ponto da Guerra Genpei, é capturado pelos Minamoto e aguarda ser julgado em Kyōto por seu rival, Yoritomo. Extremamente preocupado com o seu karma, sendo ele o responsável, sob ordens de seu pai, Kiyomori, a liderar a destruição do Grande Buda de Nara, pede então para se encontrar com um homem-santo do qual é devoto, Hōnen. O próprio, pessoalmente e de forma didática, ensina os elementos que compõem o Nenbutsu, como por exemplo²²¹:

O santificado Hōnen se dissolveu em lágrimas e ficou sem palavras por um momento.
 “Não há remorso” ele disse, “que poderia adequadamente lamentar um retorno tão triste da posse de um corpo humano, algo sempre excepcionalmente raro, para estes três reinos extremos. Mas se você a partir de agora rejeitasse este mundo poluído e aspirasse pela Terra Pura, se você fosse renunciar o mal e despertasse desejar o bem, então os budas do passado, presente e futuro iriam certamente celebrar. Neste momento, existem muitos caminhos para a libertação, mas nestes recentes dias da Lei, quando mentes estão poluídas e confusas, o melhor de todos eles é invocar o Nome. Apenas aspire aos nove níveis de nascimento no paraíso e continue praticando as seis sílabas sagradas, e absolutamente qualquer um, não importando o quão tolo ou perverso, pode encontrar uma forma de invocar o Nome. (tradução nossa)²²²

²¹⁹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 675.

²²⁰ Her voice calling the Name died away. / In the west a purple cloud appeared, / a perfume not of this world filled the room, / and sweet music sounded in the sky. (original da fonte)

²²¹ TYLER, Royall (tradutor). *Heike Monogatari*. Nova York: Penguin Group, 2012. p. 519.

²²² The saintly Hōnen dissolved in tears and remained for a moment speechless. / “No sorrow,” he said, “could adequately mourn so sad a return / from possession of a human body, always exceedingly rare, to those three dire realms. / But if only you will now shun this polluted world and aspire to the Pure Land, / if only you will renounce evil and arouse longing for the good, / then the buddhas of past, present, and future will surely rejoice. / Now, there are many paths to release, / but in these latter days of the Law, / when minds are polluted and confused, / the best of all is calling the Name. / Only aspire to the nine levels of birth in paradise / and confine practice to the six sacred syllables, / and absolutely anyone, however foolish and benighted, / can find a way to call the Name. (original da fonte)

E aqui temos: uma balada de guerra que retrata um momento conturbado da história japonesa sob a ótica de uma Escola Budista de caráter soteriológico. Só há um problema aqui: a obra retrata membros dos mais altos escalões da aristocracia japonesa realizando práticas de uma Escola não comumente vistas em tal classe social. Então ainda resta a pergunta: Como este processo de reimaginação histórica veio a acontecer?

2.3.2 Como a Escola Terra Pura foi parar nas páginas do Heike Monogatari?

Para respondermos a esta pergunta, primeiro devemos examinar a realidade das práticas religiosas das elites do Japão do final do século XII, que consistiam na construção de complexos de templos espetaculares e o envolvimento constante de monges na política aristocrática do Império Japonês²²³.

2.3.2.1 O Budismo Aristocrático do Período Heian.

Como já descrito no Capítulo 2 deste trabalho, o clã Soga trouxe o Budismo à proeminência no Japão ao perceber que a adoção desta nova religião havia se demonstrado, na China, como uma excelente forma de centralizar o poder político.

Esta interferência da religião Budista na política japonesa, porém, acabou por se provar um fenômeno de longa duração, tendo existido monges como Genbō e Dōkyō, que por muito pouco não transformaram o Japão em uma teocracia Budista²²⁴. Tais problemas de interferência dos monges na política podem inclusive serem vistos como uma das explicações para a mudança da localização da capital para Kyōto por parte do imperador Kammu em 793²²⁵.

Esta aproximação entre o sacerdócio e a aristocracia influenciou na forma de como a segunda praticava o Budismo no período Heian, o que pode ser visto na forma como são estruturadas as duas Escolas que caracterizam o Budismo de tal período: a Escola Tendai e a

²²³ WEINSTEIN, Stanley. Aristocratic Buddhism. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 452.

²²⁴ Idem. p. 452-453.

²²⁵ Idem. p. 455-456.

Escola Shingon²²⁶. Ambas as Escolas, cada uma a sua forma, consistiam em práticas que envolviam hierarquias sacerdotais complexas e templos gigantescos e suntuosos.

Já a prática de invocar o Nome da Amida, apesar de já existente no cânone de diversas Escolas do Budismo japonês, não era comum entre a aristocracia do Império²²⁷. O Nenbutsu era considerado uma prática para aqueles que não podiam praticar o Budismo de outras formas, ou seja, as classes populares do Japão da época²²⁸. Eram poucos os aristocratas que apresentavam tais convicções religiosas.

A única conclusão possível a partir de tais constatações é que, como mencionado acima, o Budismo Terra Pura praticado por aristocratas no Heike Monogatari se trata de uma reimaginação histórica, inserida na narrativa após os eventos descritos. Para que se possa entender porque tal fenômeno aconteceu, deve-se primeiro estudar o processo de escrita e evolução do Heike Monogatari.

2.3.2.2 A escrita e reescrita do Heike Monogatari.

E é neste ponto deste trabalho em que podemos retornar à uma questão levantada no Capítulo 1: a autoria do Heike Monogatari. Yukinaga escreveu a obra? Sim e não. Apesar dele ter sim escrito a versão original do Heike, esta versão se perdeu, e o que temos hoje são textos derivados²²⁹. O objetivo original de Yukinaga era imortalizar o heroísmo dos Taira em forma de balada, tendo sido seu pai, Yuktaka, um funcionário da burocracia dos mesmos²³⁰.

Uma possível explicação desta influência do Terra Pura na obra pode se dar pelo fato do irmão mais velho de Yukinaga, Shinkū, ser um dos primeiros discípulos de Hōnen²³¹. Shinkū também era um dos dois diretores da Agui, uma escola de shodō, a arte da caligrafia japonesa, em Kyōto, durante os tempos de pregação de Hōnen nesta cidade²³². Assim teria sido possível a escrita do Hiramatsuke, uma revisão do Heike Monogatari criada com o propósito de divulgar o Budismo Terra Pura²³³.

²²⁶ WEINSTEIN, Stanley. Aristocratic Buddhism. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462.

²²⁷ Idem. p. 508.

²²⁸ WEINSTEIN, Stanley. Aristocratic Buddhism. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 515.

²²⁹ BUTLER, Kenneth Dean. The Textual Evolution of the Heike Monogatari. In: Harvard Journal of Asiatic Studies, Vol. 26. p. 17.

²³⁰ Idem. p. 22.

²³¹ Idem. p. 35.

²³² Idem.

²³³ BUTLER, Kenneth Dean. The Textual Evolution of the Heike Monogatari. In: Harvard Journal of Asiatic

Como citado no Capítulo 1, Yoshida Kenkō, em seu *Tsurezuregusa*, também faz menção à uma tradição de recitadores de biwa. A tradição Biwa Hōshi se provou essencial para a divulgação do *Heike Monogatari* e como o conhecemos hoje. Para que se possa entender este fenômeno de difusão poética, religiosa e cultural, deve-se primeiro entender esta tradição em si.

2.3.2.3 A tradição Biwa Hōshi como elemento essencial para a difusão do *Heike Monogatari*.

Os japoneses sempre relacionaram a cegueira ao sobrenatural, enxergando-a como o resultado de karma ruim, e consideravam os cegos crentes o bastante na mensagem de Buda como portadores de dons sobrenaturais, como a cura ou o dom oracular²³⁴. E, desde muito cedo na história do Japão, os deficientes visuais se organizaram em profissões exercíveis por eles, apesar de suas limitações²³⁵.

Entre estas “profissões dos cegos” está o Biwa Hōshi, ou, o Monge do Biwa. Tratam-se de monges errantes cegos que pregam a palavra de Buda através de canções, fazendo uso do biwa, uma espécie de alaúde de quatro cordas, tocado com o auxílio de uma grande palheta²³⁶.

É evidente que os discípulos de Hōnen perceberam o potencial para pregação do Terra Pura na tradição Biwa Hōshi, dado o quão rapidamente a mesma adotou o Hiramatsuke em sua rotina, convertendo-o no Yashiro, a primeira versão do *Heike* pós-influência do Terra Pura para recitação²³⁷.

Não demorou para que o *Heike Monogatari*, uma vez adotado pelos Biwa Hōshi, adquirisse vida própria, por assim, dizer, se desenvolvendo e evoluindo oralmente, sem mais conexões ou controle de seus inspiradores originais²³⁸. Foi deste processo de evolução oral que surgiu a versão do *Heike* analisada neste trabalho, o *Kakuichi*²³⁹.

Finalmente, é possível terminarmos este trabalho com uma pergunta: levando-se em conta que os Biwa Hōshi tinham como principal audiência as pessoas das classes comuns da

Studies, Vol. 26. p.35.

²³⁴ GROEMER, Gerald. The Guild of the Blind in Tokugawa Japan. In: *Monumenta Nipponica*, Vol. 56, nº 03. p. 350.

²³⁵ Idem.

²³⁶ Idem. p. 350-351.

²³⁷ BUTLER, Kenneth Dean. The Textual Evolution of the *Heike Monogatari*. In: *Harvard Journal of Asiatic Studies*, Vol. 26. P. 36.

²³⁸ Idem. p. 37-38.

²³⁹ Idem.

sociedade japonesa medieval, e levando-se em conta que a Escola Terra Pura tinha grande apelo entre estas mesmas classes, não teria sido a adoção do Heike Monogatari pela tradição Biwa Hōshi algo também de interesse da mesma? Neste caso, seria não um processo de influência linear, mas um processo multidirecional e complexo?

3 CONCLUSÃO.

A família imperial japonesa do final do século XII começou a cultivar ambições de retorno à autoridade direta de outrora, e estava disposta a conceder concessões para tal, ou, pelo menos, para parte do poder direto de outras épocas.

Tal projeto político coincide com o surgimento de uma aristocracia rural no Japão, os bushidan, também conhecidos como os samurai. Uma complexa rede de relações entre o clã imperial e os bushidan resultou na Guerra Genpei e no surgimento do primeiro Bakufu.

Esta guerra civil se demonstrou violenta e caótica em uma escala que chegou a despertar na mentalidade religiosa japonesa a sensação de chegada de uma era profetizada como desgraçada pela religião Budista, o Mappō. Durante este momento extremamente conturbado, surge uma nova interpretação do Budismo, o Terra Pura, de Hōnen, que satisfaz este sentimento de iminência do Mappō por parte das classes baixas do medievo japonês.

Pouco depois do conflito, o filho de um funcionário da burocracia Taira, Yukinaga, escreveu um épico, o Heike Monogatari, um gunki monogatari exaltando os feitos do clã de samurais para o qual seu pai ofereceu lealdade.

Pela mesma época, o irmão de Yukinaga, Shinkū, um mestre do shodō, a caligrafia japonesa, se uniu ao movimento religioso encabeçado por Hōnen e viu na obra do irmão uma forma excelente de pregar a mensagem de Amida, adicionando conteúdo à mesma, alterando-a, de forma a adicionar partes que objetivam passar a mensagem deste movimento religioso.

Esta mensagem viria a ser propagada por meio dos Biwa Hōshi, monges cegos tocadores de alaúde que pregam o Budismo por meio de canções para o povo. Sendo que tanto o Budismo Terra Pura quanto a tradição Biwa Hōshi eram muito populares entre o povo japonês do início do século XIII, tal tradição acabou por se “apossar” do Heike Monogatari, por assim dizer, adicionando passagens e alterando o Heike com o tempo, até que deste processo surgiu o Kakuichi-bon, considerado dentro desta tradição como a versão “definitiva” do Heike Monogatari.

Observando todo este processo, é fácil de se notar que o Heike Monogatari é o fruto de um efeito dominó, por assim dizer. Uma série de eventos simultâneos foi necessária para que ele fosse composto da forma que foi.

O Heike não reflete sua época somente na narrativa e poesia que carrega em suas páginas, como a ascensão dos samurai e do Bakufu, a queda dos Taira, o trunfo de Go-Shirakawa e o surgimento do Terra Pura, mas carrega toda esta mesma bagagem de

influências em seu processo de criação. Ele não é só um escrito sobre a passagem de todas as coisas e a queda certa dos grandes homens, mas foi também escrito pela passagem de todas as coisas e a queda certa dos grandes homens.

Daqui, é possível concluir que, sim, o Heike Monogatari sofreu fortíssima influência do Budismo Terra Pura, levando-se em conta que o mesmo passou nas mãos de um mestre de shodō adepto de tal escola e nas mãos de uma tradição artística que tocava e pregava para uma demografia entre a qual o Terra Pura era muito popular.

Dito isto, é esperada que tenha sido influenciada por um fenômeno característico de sua época uma obra que é, em último caso, o reflexo da época que a mesma retrata. O mais correto seria dizer que o Heike Monogatari sofreu influência de tudo o que havia no Japão durante a Guerra Genpei, pois é isto o que esta obra é, no final das contas: sua época, no conteúdo de suas páginas e na escrita do mesmo.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, Allan A. Honen on Attaining Pure Land Rebirth: the Selected Nenbutsu of the Original Vow. In: AMSTUTZ, Galen (Ed.). Critical readings on Pure Land Buddhism in Japan. Vol. 1. Leiden: Koninklijke Brill, 2020. p. 223-240.

AUGUSTYN, Adam et al. Theravada. In: BRITANNICA. Disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Theravada>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BHAVACAKRA. In: OXFORD Reference. Disponível em <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095503747>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BUTLER, Kenneth Dean. The Textual Evolution of the Heike Monogatari. In: Harvard Journal of Asiatic Studies, Vol. 26. p. 5-51.

DE BARY, Theodore et al. Sources of Indian Tradition. Vol. 1. Nova Iorque: Columbia University Press, 1958.

DEMIÉVILLE, Paul. Philosophy and religion from Han to Sui. In: TWITCHETT, Denis; FAIRBANK, John K. (Ed.). The Cambridge History of China. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 808-872.

GROEMER, Gerald. The Guild of the Blind in Tokugawa Japan. In: Monumenta Nipponica, Vol. 56, n° 03. p. 349-380.

HENNING, Stanley E. Academia Encounters the Chinese Martial Arts. In: China Review International, Vol. 6, n° 2. Honolulu: University of Hawai'i Press, 1999. p. 319-332.

HURST III, G. Cameron. Insei. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 576-643.

_____. The Koku Policy: Court-Bakufu Relations in Kamakura Japan. In: MASS, Jeffrey P. (Ed.). Court and Bakufu: Essays in Kamakura History. Stanford: Stanford University Press, 1982. p. 3-28.

IRONS, Edward. Encyclopedia of Buddhism. Nova York: Facts on File, 2008.

ITO, Yuishin. Honen (1133-1212). In: YUSEN, Kashiwahara; KOYU, Sonoda (Ed.); SEKIMORI, Gaynor (trad.). Shapers of Japanese Buddhism. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 63-75.

JETA'S grove. In: TIBETAN Buddhist Encyclopedia. Disponível em <http://tibetanbuddhistencyclopedia.com/en/index.php/Jeta's_Grove>. Acesso em: 06 jul. 2021.

KOYU, Sonoda; BROWN, Delmer M. Early Buddha worship. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 1. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 359-414.

KOYU, Sonoda. Saicho (767-822). In: YUSEN, Kashiwahara; KOYU, Sonoda (Ed.); SEKIMORI, Gaynor (trad.). Shapers of Japanese Buddhism. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 26-38.

LOPEZ, Donald S. Eightfold path. In: BRITANNICA. Disponível em <<https://www.britannica.com/topic/Eightfold-Path>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

MARRA, Michele. The Development of Mappo Thought in Japan (1). In: AMSTUTZ, Galen (Ed.). Critical readings on Pure Land Buddhism in Japan. Vol. 1. Leiden: Koninklijke Brill, 2020. p. 79-108.

MCKINNEY, Meredith (trad.). Essays in Idleness and Hojoki. Londres: Penguin Group, 2013.

O'BRIEN, Barbara. Three turnings of the dharma wheel. In: LEARN Religions. Disponível em <<https://www.learnreligions.com/three-turnings-of-the-dharma-wheel-450003>>. Acesso em: 06 jul. 2021.

RIZO, Takeuchi. The Rise of the Warriors. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 644-709.

SCOTT, David Alan. The Iranian face of Buddhism. In: East and West. Vol. 40. Roma: Istituto Italiano per l'Africa e l'Oriente, 1990. p. 47-77.

SHIVELY, Donald H. Preface to Volume 2. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. xv-xvii.

SHIVELY, Donald H; MCCULLOUGH, William H. Introduction. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 1-19.

SLINGERLAND, Edward. The Chinese Spiritual Idea of Wu Wei. In: Journal of the American Academy of Religion, Vol. 68. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 293-327.

SOUYRI, Pierre François. The World Upside Down: Medieval Japanese Society. Nova York: Columbia University Press, 2001.

TYLER, Royall (trad.). Heike Monogatari. Nova York: Penguin Group, 2012.

VARLEY, H. Paul. Cultural Life in Medieval Japan. In: HALL, John Whitney et al (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 3. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 447-499.

WEINSTEIN, Stanley. Aristocratic Buddhism. In: SHIVELY, Donald H.; McCULLOUGH, William H. (Ed.). Cambridge History of Japan. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 449-516.

YUISHIN, Ito. Honen (1133-1212). In: YUSEN, Kashiwahara; KOYU, Sonoda (Ed.); SEKIMORI, Gaynor (trad.). Shapers of Japanese Buddhism. Tokyo: Kosei Publishing, 1994. p. 63-75.